

ALICE NO PAÍS DIVINO MARAVILHOSO

Comédia musical baseada na história de Lewis Carrol, "Alice no País das Maravilhas".



de SIDNEY MILLER, PAULO AFONSO GRISOLLI, TITE DE LEMOS, LUIZ CARLOS MACIEL E MARCOS FLAKSMAN.

música original de SIDNEY MILLER e SUELY COSTA.

Esta comédia musical, adaptação da imortal obra de Lewis Carrol, se propõe a retratar o mundo atual a partir de uma perspectiva jovem, ou seja, recriar uma imagem da realidade contemporânea tal e qual ela é percebida por qualquer adolescente, constantemente maravilhado diante de suas próprias descobertas, bem como impulsionado por um irreprimível desejo de conhecer e experimentar tudo o que lhe estiver ao alcance.

É portanto o conjunto de todas as suas indagações e perplexidades, que o levam mesmo, por vezes, a precipitar soluções imediatas, na ânsia de se fazer presente nessa realidade que transcende a sua casa e seu pequeno círculo inicial de relações.

Sem apontar caminhos ou conclusões, esta adaptação musical pretende apenas dar ao jovem uma oportunidade de se ver, retratado em cena, interagindo com tudo aquilo que compõe o seu cotidiano através de atitudes já vivenciadas ou do que lhe chega ao conhecimento por mera informação.

Nada mais é, portanto, que um momento de reflexão e auto-crítica. É o gosto do jovem pelo teatro, falando-lhe diretamente na sua linguagem mais habitual: a música popular.

Cabe dizer, por fim, que a reflexão sobre a juventude atual é tarefa que compete também ao público adulto, no sentido de uma abertura que cada vez mais leve ao diálogo entre gerações distantes no tempo mas não no espaço.

Esta peça não pode ser representada no todo ou em parte sem a expressa autorização de seus autores, representados, pela SBAT. Reservam-se também os direitos sobre a música original, con -



PRÓLOGO

A absoluta informalidade enquanto vão entrando os espectadores. Atores em cena, desordenados, misturados aos músicos, conversando, experimentando trechos de músicas várias, afinando instrumentos.

Subitamente, os músicos atacam a ouverture. A luz, geral, incaracterística, de serviço, assume dimensão de espetáculo.

CENA 1 - Alice dia a dia

Cortes de luz acompanham as falas dos personagens. Alice está muda, perdida em cena.

PROFESSOR - Você está dizendo um absurdo, Alice. Vou explicar de novo o que significam essas palavrinhas misteriosas: latitude e longitude. Uma define o afastamento do viajante no sentido dos meridianos. A outra define o mesmo afastamento no sentido dos paralelos. Ao definirmos o afastamento num e noutro sentido, encontraremos um ponto, dado pela latitude e longitude: encontraremos o ponto exato, em que se encontra aquele que se afastou...

MÃE - Ora, Alice, não diz besteira. Que menina mais sem juízo! Os gatos miam, os cachorros latem e as formigas não fazem nada, ora essa... Trabalham. Só você fica aí pensando bobagens. O mundo, hoje em dia é perigoso demais para uma mulher...

DINO - Deixa prá lá, Alice. Que mundo maravilhoso coisa nenhuma. Você é uma boba. Nem sei o que seria de você solta no mundo... Vamos ver o filme. Me dá um beijo, vá...

MORALISTA DE TV - (com voz grave, que se exalta aos poucos) - Eu boto na cadeia. O senhor Carlos Monárquico deve estar me ouvindo. Pois então ouça o que lhe vou dizer: eu boto na cadeia, está ouvindo? Eu boto na cadeia, mas não deixo imoralidade circular por aí com rótulo de música, ouviu bem? Lembro que estou falando neste momento para 69 canais em todo o país, ouviu bem?

PROFESSOR - Você teve uma idéia e não sabe como desenvolvê-la, não é, Alice? Lembre-se do teorema. Você conhece o teorema? O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos...

MÃE - Fala. Fala. Você vive reclamando que ninguém te escuta. Fala. Quando você abre a boca é só prá mostrar prá todo mundo que você é uma ca-beça oca, cheia de idéias, mas sem nenhum juízo. Fala. Vai dizer o que? Que isso é bonito? Que isso é moderno? Já disse e repito: é pela altura da barra da saia que se conhece a medida da moral de uma moça.

J.A.T.

DINO - Você fala muito. Então, prá que é que a gente veio ao cinema? Estamos aqui namorando e vendo o filme. É pelo interesse com que se vê um filme que se mede o nível cultural das pessoas. Você ficou ali, toda a hora me perguntando se eu gosto de prender gente, Ah, esquece Alice?... Vamos ver o filme, depois a gente conversa.

MORALISTA - Agora, infelizmente, eu sou obrigado a falar de um assunto desagradável. Fui ver o filme sobre a vida de Chico Sampaio e devo dizer que não gostei. Fiquei muito triste, muito triste mesmo. Considero que a memória de Chico Sampaio foi denegrida numa história, que nada tem a ver com a verdadeira história de Chico Sampaio, que foi, além de grande artista, um homem bom e caridoso, sempre pronto a dar a mão aos humildes e necessitados. Quando se somam pornografia e baixa moral, o resultado é a degradação dos valores. E isso eu não posso tolerar. Nota zero.

PROFESSOR - Tente resolver sozinha. Depois, se você errar, eu lhe ajudo.

MÃE - Será que você não sabe pegar numa agulha? Conserte você. Depois se não ficar bom, eu desmancho e faço. Que menina!...

DINO - O mundo é muito perigoso. Nem quero pensar em você solta nesse mundo.

MORALISTA - O trabalho de deseducação das massas é inversamente proporcional ao trabalho dos que, como nós, querem realizar algo de construtivo e sadio. Veneno, puro veneno para a juventude.

PROFESSOR - O quadrado da hipotenusa...

MÃE - Moça moderna tem é que saber cuidar da casa, depois do resto.

DINO - É, Alice, eu gosto de prender gente, sim. Agora vê se fica quietinha, tá bom?

MORALISTA - Um trabalho de limpeza, um árduo trabalho para extirpar os maus elementos da arte...

PROFESSOR - ...é igual à soma dos quadrados...

MÃE - Você precisa aprender a viver sozinha.

DINO - Me dá um beijo, anda...

MORALISTA - Imorais, calhordas...

PROFESSOR - ...dos catetos...

MÃE - Primeiro ganhe seu dinheiro, depois venha falar em independência. Ou então case-se. Mas saiba escolher, hein...

DINO - E quem é que te entende?

MORALISTA - Isso não quer dizer nada. É lixo. Nenhum valor artístico. Alô, Alô, Serviço de Censura, a palavra é sua.

Explode música: Tema de Alice em coro.

CORO - Alice fora de casa
Alice fora do mundo
Num país maravilhoso.
Alice dentro da terra
Alice dentro da vida



É mais feliz, maravilhoso.
Cores, sensações,
Viagens pelo espaço interior,
A vida aberta em formas e canções,
Sorrisos, explosões em corações,
Em corações, em corações.
Não sabe ainda aonde vai
Porque caminha.
Procura rastros de um tempo novo,
Fora de casa ouve uma voz,
Não vai sozinha.
Gritos, multidões
Desfilam na avenida principal,
Esperam por Alice nos portões,
Bandeiras agitadas, inscrições,
Sensacional, sensacional.
Alice fora de casa
Eu disse seja feliz
Alice fora de casa
Eu disse
Alice
Eu disse
Alice.



Um locutor lê ao microfone notícias várias
de um jornal do dia. A música continua.

PADRE - A imensidão do espaço, longe de demonstrar ao homem a sua grandeza ,
deveria fazer-nos compreender melhor o infinito amor de Deus e a
magnitude da sua glória. Cristo é a luz do mundo. Ele é o caminho..

ALICE - ...o caminho...

PADRE - ...a verdade...

ALICE - ...a verdade...

PADRE - ...e a vida...

ALICE - ...e a vida...

Música: Tema da queda.

ALICE - (canta) -

Meu navio vai navegando
Pelas águas de um oceano
Que deságua em mim
Meu navio não navega no mar
Até chegar bem no centro do mundo meu
O quarto mundo
Imenso e novo mundo aonde aportarei:



Que se encontra aonde não se encontra
Que se esconde aonde não se esconde



CENA 2 - Primeiro encontro com o coelho

COELHO - Meu Deus, onde é que eu deixei a minha pasta? Os documentos? Já estou atrasado para a reunião e ainda invento de perder a pasta...

ALICE - Ih, a pasta daquele homem que estava tão apressado. Será que eu ainda alcanço ele? Moço! Moço!

COELHO - E não se consegue um taxi numa hora dessas. Atrasado e sem documentos. É hoje que eu me arrependo.

ALICE - Não era o senhor que estava procurando uma pasta?

COELHO - Minha pasta! Então foi você que pegou, não é? Cleptomania. Vai ver é cleptomania. Atrasado, sem taxi e com uma cleptomaniaca no meu caminho...

ALICE - De que foi que o senhor me chamou?

COELHO - Cleptomaniaca. Pessoas que tem mania de roubar as coisas. Depois se arrependem e vêm devolver...

ALICE - Eu vim correndo pra lhe entregar a pasta e o senhor, em vez de me agradecer, ainda me xinga.

COELHO - Está bem, muito obrigado. Mas me agradeça você também por eu não te levar pra polícia.

ALICE - Não ia acontecer nada, meu namorado é da polícia.

COELHO - Ah, então você tem namorado?

ALICE - Acho que sim, sei lá.

COELHO - Que coisa linda! Mocinha, namoradinho da polícia, cleptomaniaca... Você deve ser uma taradinha sensacional!...

ALICE - Às vezes eu penso que sou mesmo maluca.

COELHO - Você é o tipo da vigarista que eu não resisto, menina.

ALICE - Vigarista?

COELHO - Ah, é esse arzinho inocente mesmo que eu gosto. Sensacional. Você mora sozinha?

ALICE - Moro com a minha mãe e com o meu pai.

COELHO - Que pena. É o diabo é que hoje eu estou com uma pressa terrível. Mas por uma garota como você, sou capaz de mandar a compostura pra Diabo. Aparece aí um dia, me procura. Meu escritório é ali: no terceiro andar. Vem lá uma hora dessas. Me procura lá. Meu nome é Coelho. Artur Coelho. Pergunta lá pelo coelho que se eu não estiver minha secretária marca hora prá você. Ela conhece os macetes. Vou tomar um táxi, senão chego atrasado. Já estou atrasado. Apareça, hein. Meu nome é Coelho.

Coelho desaparece. O tema da queda recomeça. Os personagens anteriores ainda estão presentes, mas começam a sumir. Só restam suas vestes.

PROFESSOR - São os antípodas: os povos que vivem numa latitude e longitude que determinam, no globo terráqueo, precisamente o ponto geográfico simétrico àquele em que estamos...

DINO - Prá China é que deveriam ir esses comunas todos. Comer arroz de pau zinho prá ver se Mao Tse Tung é mesmo o bom...

MÃE - Onde é que você anda com a cabeça? No Japão?

MORALISTA - Imorais, nota zero, não prestam. Veneno, puro veneno para a juventude...

ALICE -(canta)

Deixo a casa, o cais, e viajo sem fim
Se olhar pra trás já nem lembro de mim
Adeus, eu vou eu vim
Cansada de esperar a vida que não vem:
Que me espera aonde não se espera
Que me encontra aonde não se encontra.



CENA 3 - Alice e a secretária

ALICE - É aqui o escritório do seu coelho?

SECRETÀRIA - Aqui mesmo. Quer falar com ele?

ALICE - Ele me convidou para vir aqui. Devolvi a pasta dele.

SECRETÀRIA - Ah, você é a sonsinha?

ALICE - Porque é que todo mundo me xinga?

SECRETÀRIA - Seu coelho não está mas chega logo. Entre na sala dele. Quer fumar?

ALICE - Obrigada.

Alice senta e timidamente começa a fumar. Volta o tema da Queda. Risadas, vozes, ruídos confusos. As vozes anteriores reaparecem, para sumir definitivamente.

PROFESSOR - ... o quadrado da hipitifisa...

MÃE - ...é final da tenusa...

DINO - ...do cateto da quadratura...

PROFESSOR - ... a confusa da hipirenosa...

MÃE -... é antipoidiária...

DINO - ...da pituitária...

TODOS - ... da hipótese da tiririca...da hipnose...da hipérbole, da catetia ...da histeria longitudinal...

ALICE - (canta)

Meu navio vai navegando
Pelas águas de um oceano
Que deságua em mim
Meu navio não navega no mar
Pois me leva aonde não me leva



Pois me deixa aonde não me deixa.



CENA 3B - Festa

Entram os participantes da festa, animados.
A música transforma-se no Tema da Festa.

ALICE -(canta)

Tudo longe
Longe tudo
Longitudinal
Viajando
Vou e viva
Vida vendaval

É tão estranho o que agora acontece
Até então tudo era normal.
Se já não sou
Quem serei afinal?

Tudo longe
Longe tudo
Longitudinal
Viajando
Vou e viva
Vida vendaval

Antes de tudo me digam meu nome
Nome do nome que eu tinha e perdi.
Se eu não gostar de quem sou vou-me embora
Senão prefiro ficar por aqui.

Tudo longe
Longe tudo
Longitudinal
Viajando
Vou e viva
Vida vendaval.

Ruídos vários: elevador, portas que abrem e
fecham, campainhas, máquinas de escrever, te-
lefonos etc. Vozes confusas dos participantes
da festa:

- A chave da mina.
- O coelho está atrasado.



- Não sei onde esse Coelho mete a chave.

- Sem chave não tem festa.

ALICE - A chave está ali. Onde é que poderia estar? Em cima da mesa que é prá ninguém achar.

TODOS - (com entusiasmo) - A menina achou a chave!

Chega o coelho em plena festa.



FESTA!

ALICE - É bom. É tudo tão esquisito. Acho que estou encolhendo mesmo. Já estou tão pequenininha. Será que essa bebida vai fazer eu desaparecer de tão pequenininha? Como a chama de uma vela?

A festa se anima. Alice fecha os olhos e entra em levitação. A festa se transforma num majestoso balé: seus participantes constituem um oceano, cujas ondas crescem e diminuem, envolvendo Alice. Aparece, grandioso, o jovem nu. Alice o vê, apaixonada-se. Entram os marginais - Rato, Papagaio, Gringo, Crioulo - cantando forte.

MARGINAIS - (cantando)

Dança, dança, liberdade

Alucinação.

Vida mansa, caridade,

Grande solução.

Festa, festa, sonho e sorte.

Embriagador.

Fome, frio; dor e morte,

Coisas sem valor.

Marginais assaltam, roubam. Confusão total. Participantes da festa fogem. Alice permanece e canta com os marginais.

MARGINAIS -

Se a razão não raciocina

Quem é fraco que se guarde

A pobreza é uma assassina

Não tem pena de covarde

Quem no mundo desatina

Quando acorda já é tarde

ALICE -

Quero o riso, quero a vida

Quero ser feliz

vou cantando, vou voando

Quero ser feliz.



MARGINAIS -

Quem é pobre não se enfeita
 Nosso mundo é diferente
 Nossa gente só respeita
 Quem respeita a nossa gente
 Desaforo não se aceita
 Gozação não se consente



ALICE -

Não me assusto com seu mundo
 Vou dizer por quê
 Eu estudo, sei de tudo
 Mais do que você

MARGINAIS -

Quem nasceu numa calçada
 Não precisa de ciência
 Prá saber que não tem nada
 Basta ter inteligência
 Mas com moça debochada
 Perde logo a paciência

ALICE -

Não se zangue logo agora
 Deixe-me explicar
 Por favor, não vá embora
 Quero lhe falar.

Ao final da canção, Alice dialoga com os marginais. Eles a ameaçam, olhando-a, cercando-a, aproximando-se.

CENA 4 - Os marginais

RATO - Explicar? O que que você quer explicar? conta prá gente. Vai dizer que o roubo é coisa feia?...Que a gente devia tomar banho? Que a gente cheira mal? Ou vai dizer que a gente estragou a sua festinha?

ALICE - Não é isso. É que eu estava ali com uns amigos meus, sabe? Aqueles que o senhor viu. Mas isso não quer dizer que eu tenha alguma coisa contra o senhor. Pelo contrário. Eu acho o senhor até muito interessante...sabe? Quer dizer, não que eu queira falar mal de ninguém, mas é que eu estava achando aquela festinha tão esquisita. Mas eu não tenho nada contra. Quer dizer, eu só estava ali com uns amigos meus, sabe?

RATO - Sei.

ALICE - Pois é. Aí o senhor chegou, não é? Pois é. Aí então o senhor che -

gou e, quer dizer, eu não tenho nada contra a sua chegada. A gente podia até conversar um pouco, só prá passar o tempo. Eu gosto muito de conversar, sabe? É verdade... Agora o senhor veja só que coisa engraçada: a gente nem se conhecia, não é? Aí o senhor chegou sem avisar. De repente. Foi de repente que o senhor chegou, não foi? E a gente nem se conhecia passou a se conhecer - na não é? Eu acho muito bacana;

RATO - É.

ALICE - Agora a gente já se conhece. É engraçado paca. A conversa pra ser uma mera decorrência do nosso entendimento, não é? Uma consequência natural dos fatos. Bacana... Vamos fazer uma retrospectiva do que aconteceu comigo. Eu de repente conheci umas pessoas e fui pra parar numa festa. Aquela que o senhor viu. Aí o senhor chegou de repente. Lembra? Aí mudou tudo. Aí a gente começou a conversar e foi conversando...

RATO - Qual é seu nome?

ALICE - Alice. Meu nome é Alice. O senhor gosta? (silêncio) E o seu nome?

RATO - Rato. A senhorita gosta?

CRIOULO - É rica?

DEDINHO - Pô, você não sentiu a barra da festinha?

GRINGO - É, malandro... tutu. Money. Dollar. Fôrrro. Madame Fulano... Sentiu como é que soa bem? Madame Fulano... Foi vista ontem num croquetel, acompanhada do embaixador dos países socialistas em que as classes produtoras se achava presente em investimentos destinados à indústria das bases do governo. Viu só? É malandro... Sente a barra. Achavam-se presentes no meio das altas rodas os príncipes do bloco ocidental, além de personalidades ligadas ao atentado dos últimos acontecimentos. No final do coquetel, o primeiro ministro das relações posteriores saudou as personalidades das altas rodas, e negou sua participação na negociação dos últimos acontecimentos.

CRIOULO - Ela não respondeu o que eu perguntei.

ALICE - Não sou rica não senhor.

DEDINHO - Vai dizer aqui prá boneca que você é pobre?

ALICE - Eu não disse que era pobre.

CRIOULO - Não é rica, não é pobre... diz prá mim o que você é.

PAPAGAIO - Classe média, Crioulo!... Comida na mesa, roupa lavada, televisão na sala, dinheirinho devagar, quase parando no fim do mês... Papai de terno e gravata... manja? Escondendo o jogo... reclamando do emprego... botando veneno na sopinha da sogra pra ver se compra um fusca... sabe como é?

CRIOULO - Tem algum aí prá dar prá gente?

ALICE - Algum o quê?

PAPAGAIO - Ah, ela não fala a nossa língua...



GRINGO - Então fala a língua dela, pô! Pergunta assim: A senhorita por acaso tá com as coisas?

ALICE - Que coisas?

DEDINHO - As coisas... Os negócios... as circunstâncias...

ALICE - Desculpem... eu ainda não entendi...

GRINGO - Bem... permita então, senhorita, que eu mesmo procure as coisas. Assim fica mais fácil.

Começa a passar a mão pelo corpo de Alice, apavorada, a princípio como quem a revista, depois como quem a possui.

ALICE - Ave-Maria, cheia de graça, protegei-me meu Deus, dai-me forças para aguentar os pecados do mundo, perdoai-me senhor, juro nunca eu saio de casa, prometo de hoje em diante eu serei respeitadora dos vossos mandamentos, livrai-me das mãos desses pobres pecadores que não sabem o que fazem, me tira dessa, por favor, eu juro de pé junto, meu Deus, meu Deus, meu Deus...

RATO - Chega, Gringo! Solta a menina! Aqui quem manda sou eu. Deixa ela comigo. Afinal de contas fui eu quem deu a dica da festa.

Começa a revistar Alice tal como Gringo havia feito.

ALICE - Ai, meu Deus, meu Deus, olha o que o senhor me arrumou, não era isso que eu tinha pedido, só trocou o homem, ajudai-me senhor a sair dessa fria, pelas almas penadas do purgatório, pelos anjos do céu, protegei-me, desses homens. Homem por homem eu ainda preferia o primeiro, esse ainda é muito mais violento, olha só o que ele tá fazendo, olha só aonde ele tá pegando, dai-me forças meu Deus, meu Deus, o pior é que eu tô começando a gostar, mas eu não posso, meu Deus, meu Deus, hum...mas tá ficando bom, ajudai-me senhor, ajudai-me, depois eu dou prá ele e o senhor vai dizer que é pecado, meu Deus, meu Deus, pecado é fazer isso comigo, logo eu que sou chegada a uma sacanagenzinha, meu Deus, meu Deus, o que é que eu faço, eu acho que vou gritar, PÁRA!!! (desvencilha-se do Rato.) Por favor eu tenho que ir andando... não me leve a mal...

RATO - Andando? prá onde?

ALICE - Prá casa. Eu tenho que ir prá casa. Minha mãe tá me esperando. Faltou da minha hora.

RATO - Você tem hora marcada, Pu-ta?

ALICE - Eu tô pedindo por favor, deixe eu passar, pelo amor de Deus!

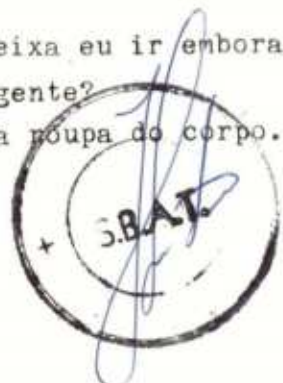
RATO - E as coisas?

ALICE - Eu deixo com você tudo que eu tenho, mas deixa eu ir embora.

DEDINHO - E o que é que você tem prá deixar com a gente?

ALICE - (desconcertada) - Eu não tenho nada... Só a roupa do corpo...

RATO - Então, deixe a roupa do corpo, sua pu-ta.



ALICE - (cada vez mais desconcertada) - Mas eu não posso... como é que eu vou voltar prá casa sem roupa? vou ser presa na rua...

RATO - É isso que acontece com todas as pu-tas como você: são presas na rua.

ALICE - Mas eu não sou uma pu...eu não sou isso que vocês estão dizendo.

RATO - Você ia dizer que não é uma puta. por que você não completou a palavra? Você tem medo de dizer pu-ta. Pu-ta. Pu-ta. Você acha que puta é mulher pobre. Não é não. Existe muita pu-ta rica como você. São as piores. Vamos...vá tirando a roupa...

ALICE - Mas eu preciso ir embora...eu sou uma menina...só isso...

RATO - A roupa. Eu mandei você tirar a roupa, sua pu-ta.



CENA 5 - Contracanto

Alice canta o tema da Volta. O rato a responde em contracanto.

ALICE -(cantando)

Vou ser menina outra vez
Encontrar-me talvez
Vou sorrir

Eu vou saber meu segredo
Vou cantar sem ter medo
Vou sair

Vou caminhar pelo sol
Vou rever meu farol
Vou correr

Eu vou rolar na calçada
Vou dizer quase nada
Vou viver

Vou abraçar o mundo
Encarar-me um segundo
Vou chamar

Vou encontrar minha gente
Entregar-me somente
E ficar

RATO - (cantando)

A casa é linda
A vida é boa
O tempo escorre



O tempo à toa
Sobre os tapetes
Sobre as cortinas
Dormem mulheres
Sonham meninas



Sobre os talheres
Fumegam cores
Corpos de seda
Nos cobertores
Vozes de seda
Cantando apenas
Rezam novenas
Nos corredores

Pelas janelas
Desfila o medo
Dentro de casa
Tudo é segredo
Fecham as cortinas
Trancam-se as portas
Sonham meninas
Mulheres mortas

CENA 6 - A Duquesa

Terminando o tema, surge num andor a Duquesa, cantando o tema do pássaro:

DUQUESA - (cantando e desfilando)
Eu tinha um pássaro
Chamado Alice
Eu tinha um pássaro
E o pássaro era eu
Dentro de mim eu tinha
Dentro de mim morreu
Eu era o pássaro
E o pássaro era eu
Porém um dia, triste dia
A cabeça cortaram
De um doce pássaro
Que morreu em mim
Eu era o pássaro
E o pássaro era eu
Bye, bye, birdie



Todos param para olhar a Duquesa. se a gritar.



ALICE - Socorro! Acudam-me! Moça! Leve-me com a senhora! Socorro!

Rato puxa a navalha e investe contra o corpo semi-nu de Alice, desfechando o golpe. Ouve-se o grito de Alice, em blecaute, que se transforma em efeitos sonoros instrumentais e eletrônicos.

CENA 7 - Outra vez o Coelho

O coelho, meio esbaforido, em pânico. Ajeita-se todo, limpa-se, compõe-se e fala, trêmulo de medo.

COELHO - Meu Deus, a Duquesa! Não posso aparecer para ela sem as minhas luvas. Coitados dos meus bigodes. Na certa ela vai mandar me cortarem a cabeça. Onde foi que eu deixei as minhas luvas? Minhas luvas, minhas luvas, onde é que puseram minhas luvas? Isso é uma falta de respeito.

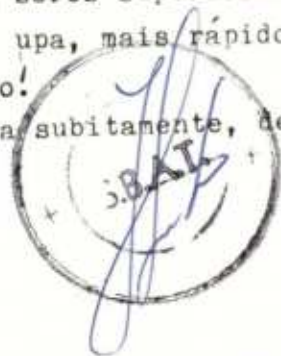
Coelho vai ficando completamente histérico. Já não diz palavras inteligíveis, apenas urra, pula e espuma de ódio. Alice entra e o olha com seu ar abobalhado. O coelho desanima, deixa-se cair exausto. Vê Alice e volta-lhe as forças para novo ataque, desta vez dirigido a Alice.

COELHO - Ah, então você está aí. Assistindo impassível a tudo, hein? Que bela criada você me saiu. Não se esqueça de que posso botá-la no olho da rua a hora que eu achar melhor. Minhas luvas, onde estão as minhas luvas? Vamos, Ana Maria, responde, onde estão minhas luvas? Ana Maria, seu patrão está lhe perguntando: Onde estão as luvas de seu Patrão?

Alice continua muda, abobalhada, paralisada pelo espanto, enquanto o Coelho vai ficando cada vez mais histérico.

COELHO - Você não se mexe, sua estúpida, não vê que eu estou lhe dando uma ordem e se ela não for cumprida eu posso lhe cortar a cabeça? (começa de novo a gritar). Você não passa de um animal, uma besta de carga, de um animal de montaria para os seres superiores. (De repente, cavalga-a). Upa, upa, cavalinho, upa, mais rápido, mais rápido, upa, upa. Ya-hooooooooo! Ya-hooooooooo!

Coelho dá-se conta subitamente, de que brin



car daquela forma não é uma coisa muito digna dele e abandona Alice. Empertiga-se, pigarreia e fala.

COELHO - Pela última vez, Ana Maria, obedeça às minhas ordens: Vá buscar depressa o meu leque e as minhas luvas, correndo! Afinal, preciso estar decente e composto para apresentar-me à Duquesa.

Mudança de cenário. Alice sai, mas é o Coelho que desaparece do palco para aparecer de pois.

CENA 8 - Alice gigante

Alice só. Em volta dela, uma série de dizeres pelas paredes: "Aqui mora um homem honrado", "Deus está do nosso lado", "A paciência é um longo gênio", "É proibido permitir", "Juízo Alice", "Vá se arrumar e penteie bem os cabelos", "Honrar pai e mãe", "Tudo a preço de banana". Debaixo deste último, uma seringa, que uma seta no cartaz aponta. Continua-se a ouvir a voz do coelho, lá fora, reclamando as luvas

COELHO -(fora) - Minhas luvas, Ana Maria, traga logo as minhas luvas, depressa, depressa!

Alice procura as luvas, acha-as. Fica indecisa, curiosa em relação à seringa. Não sabe se atende às ordens histéricas do Coelho. Apanha a seringa. Surge um vulto atrás dela a repetir um por um todos os seus gestos. Pouco a pouco esse ritual se transforma numa dança. Tema da Sombra Amiga.

SOMBRA - (cantando)

Você não está só, amiga
Nunca estará só, amiga
Eu, minha amiga, eu, tua amiga
Estou contigo na morte
Assim como na vida
Eu, tua sombra amiga, minha amiga
Estou tão perto de ti,
Tão perto, amiga
Que não sabes mais
Se és tu mesma
Ou se és eu
Como eu não sei



Se sou eu mesma, tua amiga
Ou se sou tu e tu que és
A minha sombra
A minha sombra amiga.



Uma gargalhada fantasmagórica corta a canção e Alice, ainda na dança fantástica, começa a cantar: Tema do Gigante.

ALICE - (cantando)

O meu país
Pequeno demais prá mim
Sou um gigante
Estou desperto
E tenho os olhos bem abertos.
A minha pele arde nessa viagem
A minha casa ficou tão longe
Estou tão só
Estou distante
Estou gigante
Num país de pigmeus.

A gritaria do Coelho é retomada. Ele agora bate na porta. Alice entra em pânico.

ALICE - (grita) - Eu estou enorme, não paro de crescer, minha cabeça está batendo no teto, estou crescendo, crescendo. (Pancadas na porta e gritaria do lado de fora), Não adianta, não posso abrir a porta, meu pé está enorme e está batendo na porta. Eu estou crescendo, crescendo...

Alice anda pelo quarto ansiosa. Encontra uma arca. Abre-a Encontra armas. Põe-se a atirar contra a porta.

ALICE - Estou crescendo, crescendo, não paro de crescer...

De fora também começam a atirar. Alice cai, cantando tema das Balas.

ALICE - (canta)

As balas do teu 38
São como açúcar candi
No meu sangue
As tuas balas
Circulam velozes
Nas minhas veias
No meu sangue
Meu corpo estremece
Meu corpo falece
Crivado de flechas



Venenosas
 Tua pistola
 Dispara baunilha
 Na minha boca
 No meu dorso
 Ai precipício
 Que poço de delícias
 Ai que vertigem
 Ai que desmaio
 As balas do teu 38
 São como açúcar candi
 No meu sangue.



CENA 9 - O jovem

Alice levanta, abre a porta e sai. Encontra um belíssimo jovem e para, extasiada com a sua beleza.

ALICE - Coitadinho, como você é bonito...

O jovem está lendo um livro. Alice se aproxima.

ALICE - O que é que você está lendo?

JOVEM - (lendo) - "A idéia de que uma moça sexualmente amadurecida de 15 ou 16 anos de idade tivesse um amigo há alguns anos parecia absurda, era inadmissível; agora já há discussão em torno do assunto e daqui a mais alguns anos ficará sendo tão comum quanto hoje o direito reconhecido da mulher não-casada de possuir um companheiro. Dentro de 100 anos, sorrir-se-á espantado ante a exigência de que as professoras, por exemplo, não devem ter uma vida sexual assim como rimos sobre o tempo em que as mulheres eram obrigadas pelos maridos a usar cintos de catidade. De modo geral como comportamento ideológico predominante a idéia de que é preciso conquistar uma mulher e que a mulher por si só não pode conquistar. A quem hoje não parecerá isso ridículo?"

Alice afasta-se e lentamente sai de cena, enquanto a luz cai e o rapaz ainda recita:

JOVEM - (lendo) - "Que ninguém tem relações sexuais se o parceiro não quiser é coisa desconhecida para a mulher. O conceito do dever conjugal, contido nos livros da lei e que tem também consequências funestas, prova isso..."

CENA 10 - O cidadão do cachimbo





Voz do jovem sai em fade e acende luz forte e concentrada de um globo que pende sobre a escrivaninha submersa em livros que formam um dique, por trás do qual se vê uma densa fumaceira. Alice entra em cena e para, sem entender do que se trata. Tenta ver atrás, pondo-se na ponta dos pés. Examina pelo outro lado, mas nada consegue descobrir. Finalmente, ainda hesitante, tira um dos livros do topo da montanha. E depois outros, às dezenas, até que aos poucos se revela o oculto personagem que produz toda aquela fumaceira. Um respeitável cidadão vestido com um belo robe-de-chambre de seda, que fuma tranquilamente e prazerosamente seu cachimbo oriental, alheio a tudo. Ele contempla Alice com jeito de quem olha e não vê. Após alguns instantes de silêncio e sem mover um único músculo da face e sem qualquer outro movimento, o respeitável cidadão calmamente reclinado em sua poltrona fala a Alice numa inflexão neutra e sem curiosidade, após longa baforada.

CIDADÃO - Quem é você?

ALICE - Prá falar a verdade, não sei. Quando me levantei, hoje de manhã, eu sabia quem era, mas já aconteceu tanta coisa, e eu já mudei tanto durante o dia, que eu já nem sei mais quem eu sou.

CIDADÃO - O que é que você quer dizer com isso?

ALICE - Não sei explicar. Como o senhor está vendo, eu não sou eu mesma.

CIDADÃO - Eu não estou vendo coisa nenhuma.

ALICE - O que me preocupa é essa história de mudar de tamanho toda hora. Isso é que me deixa confusa.

CIDADÃO - Mas não tem confusão nenhuma.

ALICE - Não tem pro senhor. queria ver se isso acontecesse com o senhor, se o senhor não ia achar esquisito.

CIDADÃO - Você está muito enganada. As lagartas viram borboletas e não acham esquisito.

ALICE - Bom, não sei, O que eu sei é que mudar desse jeito é muito esquisito. Não sei se pro senhor. Mas prá mim é.

CIDADÃO - Mim? Quem é mim?

ALICE - Mim? Mim sou eu, ué.

CIDADÃO - E quem é você?

ALICE - Acho que o senhor é que devia me dizer quem é.



CIDADÃO - (sempre em longas baforadas) - Mas isso é muito difícil de explicar. No fundo, o meu caso é parecido com o seu. É muito parecido. Eu sei quem eu fui, mas não sei quem é que eu sou agora.

ALICE - Como assim?

CIDADÃO - Você quer explicações, explicações. Mas eu não tenho explicações prá te dar, minha jovem.

ALICE - Bom, então fim de papo. Eu vou embora, tá?

CIDADÃO - Eu vivo muito isolado aqui na minha ilha, não sei o que está acontecendo pelo mundo afora.

ALICE - Bom, acho que vou andando.

CIDADÃO - Ainda é cedo. Olha, vai ser mesmo muito difícil explicar prá você quem eu sou, mesmo porque eu próprio não sei direito. Mas quem eu fui é mais simples.

Subitamente, o cidadão pega um livro de cima da mesa dele, e o arremessa para Alice, que é apanhada de surpresa mas consegue pegá-lo.

CIDADÃO - Você já leu? Aí explica tudo direitinho como eu era. É sobre mim.

ALICE - O cavaleiro da esperança?

CIDADÃO - (sem dar tempo a Alice, após arremessar-lhe outro livro) - E tem esse aí, se você preferir, também é sobre mim.

ALICE - Dom Quixote de la Mancha?

CIDADÃO -(lançando o terceiro livro) - Esse aí também explica alguma coisa sobre a minha personalidade.

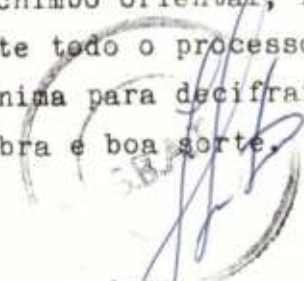
ALICE - Os intelectuais e a política...

O cidadão de cachimbo pega um quarto, um quinto, um sexto etc. livro, e assim por diante, e os vai jogando a intervalos cada vez menores, sobre Alice. Ao mesmo tempo vai dizendo:

CIDADÃO - Esse aí é muito bom, uma análise muito feliz de minha pessoa; tem esse outro; ah, esse é perfeito, um retrato fiel; e também tem esse; esse aqui; esse, esse, esse, esse outro, esse também, esse, esse e finalmente esse.

Alice fica atordoada, não consegue acompanhar o ritmo, a partir de determinado momento passa apenas a apilar os livros que vem como pedradas. O cidadão de Cachimbo, após o último livro, volta a tirar longas baforadas de seu cachimbo oriental, imperturbável como durante todo o processo.

CIDADÃO - Agora você está munida da bibliografia mínima para decifrar minha controvertida personalidade. Mãos à obra e boa sorte.



ALICE - Mas depois de tudo isso, eu não tenho nenhuma idéia de quem eu sou ou de quem é o senhor.

CIDADÃO - (dá uma risada, que é um rítus, em que apenas mostra os dentes sem mudar de expressão).

O cidadão estende a Alice um cachimbo com duas pontas, enquanto continua a fumar o seu. Alice o examina e, depois de algum tempo, começa a fumá-lo.

CIDADÃO - Eu, como a minha jovem deve ter percebido, sou um homem solitário. Mas não por muito tempo, talvez. Tenho meus planos. A minha jovem se incomoda de ligar aquela vitrola e por o disco que está lá dentro? Preciso treinar para ir à televisão. A minha especialidade é mímica, sabe? Quer dizer, não é bem mímica, mímica é outra coisa, mas é como eles chamam isso. Mímica. Quer fazer o favor de botar aquele disco na vitrola? Não tem problema nenhum, é só girar o botão e por o braço no disco;

Alice obedece maquinalmente. Começa a tocar o disco. O cidadão, sempre com o rosto inexpressivo, pronuncia sem emissão de voz, acompanhando com perfeita sincronia o que diz a canção: Tema da Mímica.

-Crepita o ópio nos pulmões do povo
Deixai-o crepitar
Como o papel crepon nos meus pulmões
Deslisa o ócio nos meus ossos
O óleo da vida já se consumiu
Deixai-o deslizar, deixai-o deslizar
Sem febre, sem paixão, sem viço
Eu, cavaleiro, não sou mais da esperança
E os meus olhos não querem olhar
Deixai-os repousar neste claro pomar
Neste claro pomar deixai-os repousar
Eu vi no mapa o Amazonas
Ouvi gritar a virgem mata
"Deflorai-me, oh deflorai-me"
Ela dizia a virgem mata
Mas perdido está meu sabre
Nem sonha mais meu sonho
Crepita o ópio em milhões de pulmões
Como nos meus
Para que não crepitem o ódio
O doce ódio.





A voz vai ficando cada vez mais longe. As luzes baixam, mudam. A música se transforma. Alice continua fumando seu cachimbo, enquanto o Cidadão vai desaparecendo nas trevas. Inicia-se uma dança, da qual participam Alice e umas figuras ameaçadoras, muito maiores do que ela, que emitem grunhidos. Depois essas figuras são substituídas por crianças que fazem algazarra tremenda. A luz vai baixando, as figuras desaparecendo, os ruídos decrescendo.

CENA 11 - As pombas

Alice só em cena. Na escuridão ouve-se uma voz metálica.

POMBA - Serpente!

Imediatamente, acende-se uma forte lanterna sobre o rosto de Alice. Em vão ela tenta esconder-se: a luz segue seu rosto. Ela argumenta.

ALICE - Eu, serpente? Eu não sou serpente coisa nenhuma. Tira isso da minha cara.

POMBA - Serpente, serpente! Serpente da insubordinação e da rebeldia, serpente do mal, serpente que inocula o pior veneno.

ALICE - Eu não entendo nada do que você está dizendo.

POMBA - Até aqui vocês estão presentes. Nós pensávamos que este era um lugar seguro, a salvo dos espiões. É preciso acabar com isso de uma vez por todas. É preciso acabar com isso. É preciso exterminar as serpentes como você. Não basta estar vigilante dia e noite. Nem aqui nós conseguimos escapar da solércia do inimigo. É preciso tomar a iniciativa de derrotar o inimigo. Ir combatê-lo onde ele está, nos seus próprios redutos, em vez de esperar que ele venha até nós.

ALICE - Eu...sinto muito... eu não sabia...

POMBA - Seus documentos...

ALICE - Documentos?

POMBA - É, documentos. E não tente me enganar. Será pior prá você. Você deve saber que a área está cercada e sob nosso controle. Vamos, os documentos.

ALICE - Mas eu...não tenho documentos...

POMBA - Você não viu a tabuleta a 100 metros?

ALICE - Tabuleta? Que tabuleta?

POMBA - A tabuleta, espertinha. A tabuleta dizia assim "Área Interditada"





ALICE - Eu não vi nada, não. Eu queria...

POMBA - Serpente, maldita serpente!...

ALICE - Eu não sou serpente, o senhor não entende? Eu sou uma menina.

POMBA - Menina, menina. São as serpentes mais perigosas, mas a mim não ganham. Um jeitinho assustado...Vamos logo, vá dizendo o que é que você está fazendo aqui.

ALICE - Eu não estava fazendo nada. Juro.

POMBA - Que graça! Você jurando é muito engraçado. Por quem é que você jura, hein, se não acredita em Deus? Por quem, hein? Hein? Quem é o seu Deus, viborazinha de fala macia?

ALICE - Meu Deus?...Eu...acontece que eu não sei...eu não sei o que é que está acontecendo...se eu pudesse...

POMBA - Silêncio, serpente! Eu não lhe dei ordens para você ficar matraqueando aí como uma maluca. Depois você vai ter muito tempo para falar e explicar tudo direitinho a sua história... por enquanto, você fique em silêncio. Você precisa de uma boa demonstração do nosso ânimo e convicção de não sucumbir facilmente aos inconfessáveis interesses das serpentes como você.

A pomba dá três silvos com o apito. Surgem outras pombas e acendem também suas lanternas.

POMBA - Vejam só rapazes. Uma serpente! Uma pérfida espiã! Que tal, antes de puni-la exemplarmente, lhe darmos umas lições para que ela desde já conheça o gosto amargo da derrota próxima?

TODOS - Heil!(cantam)

Branco, branco, branquíssimo
No mundo deve estar
Tudo limpo, limpíssimo
Como as asas da pomba
Como as formosas pombas
Sempre a voar
Sempre a velar
Por vosso sono
A propriedade é branca
E branca é a família
E a tradição
Como o leite mais fino
Como as formosas pombas
Sempre a voar
Sempre a velar
Por vosso sono
Se um dia um gato
Um negro gato atravessar



Nosso caminho
Atirarei o pau no gato-to
E o gato-to há de morrer
Vivam as pombas
Sempre a velar
Por vosso sono
Ich bin ein tibermann
Sou a pomba da paz
Ich bin da paz a pomba
Ein volk, ein reich, ein führer



Findo o hino das pombas, as luzes descem a-
té blecaute.

CENA 12 - O cavalo Evangelista

Rua de meretrício. No meio, João Evangelista,
o evangelista, prega no deserto.

JOÃO - (para os pecadores insensíveis) - Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Deixai vir a mim as crianças que eu lhes darei o reino dos céus. Em verdade, vos digo: é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Eu sou a luz do mundo! Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Alice caminha sem rumo e o encontra.

ALICE - Devo crescer ou diminuir? Não sei se cresço ou diminuo. Devo acordar ou dormir? Não sei se acordo ou durmo. Devo seguir ou ficar? Não sei se sigo ou fico. Devo falar ou calar? Não sei se falo ou calo.

JOÃO - Vade retro, satana!

ALICE - (susto) - Meu Deus, que que é isso?

JOÃO - Não ouseis usar o nome do senhor Vosso Deus em vão! Ousais usar? Quem é você? Você é o cão? Ou o filho do cão?

ALICE - E o senhor? Quem é?

JOÃO - Aleluia! Eu sou cavalo, cordeiro, cachorro, animalzinho de Deus. Aleluia! Glória a Jesus! (tenta tocar Alice num abraço)

ALICE - (assustada) - Meu Deus! Mais um louco!

JOÃO - E disse Jesus: Não temais. O meu toque não é impuro, mulher. (reparando): Mas você não é uma mulher igual as outras. Alegrai-vos Anjos! Alegrai-vos! Porque há maior alegria nos céus quando um pecador se arrepende do que quando um justo se salva! Anjos, cantai antífonas, louvai ao Senhor!

ALICE - Bem, o senhor me desculpe, não leve a mal, mas já vou andando... tenho de ir...o senhor compreende...com licença...

JOÃO - Mulher, não temas. Já viste um rio que corresse para cima? ou pedra

B.A.T.

que rolasse dos vales para o alto das colinas? Assim é este servo de Deus, escolhido para ser seu pregador, seu discípulo, seu apóstolo, seu rábula, seu sacerdote, seu príncipe, seu consorte, seu cerimonial, seu faz-tudo, seu desafortunado filho, seu mendigo, seu seguidor fiel, seu vale de lágrimas, seu cálice, sua ben-gala, seu bastão, seu cajado, seu amado filho, seu servo, seu pa-ciente, seu mártir, sua sombra, sua voz, sua corneta, seu baralho, seu coringa, seu amigo, sua fortaleza, seu naipe, sua defesa e ag-sim por diante.

ALICE - Você é um evangelista?

JOÃO - Vade retro satana! No simples nome pode estar contido o pecado. João o senhor me fez; o evangelho me deu por dom, para salvar a huma-nidade. E disse Jesus: João não conhecerá o pecado. E a mão de Deus abateu-se sobre o seu servo e desde então o pecado nunca mais se assenhoreou de João. Aleluia! Louvai ao senhor!

ALICE - Não entendo muito bem o que o senhor diz...

JOÃO - Sabe? antes eu era apenas um cavalo que relinchava. Hoje aprendi a falar uma linguagem nova que abre os corações ao arrependimento. Ah, Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados. Ouça. É a voz do Senhor. Ouço cânticos celestiais, uma música divina. É assim que Deus me fala. É assim que escuto Deus falar: ele canta com sua voz divina. Chiiiiiii! Escute. Deus está cantando.

ALICE - Mas eu não ouço nada.

JOÃO - A música divina foi feita para se ouvir com os ouvidos da alma. Si-lêncio! A música de Deus é silêncio! Só os iluminados a ouvem. Só os escolhidos. É preciso ter Deus no coração; Vem, Senhor. Fala, Deus!

Alice, entre apavorada e atônita, continua curiosa e mal ousa respirar. João exulta.

JOÃO - São os eflúvios celestes que circulam pelo meu sangue. Tome, segura a minha mão: veja se você consegue perceber esses eflúvios divinos.

João agarra a mão de Alice. A misteriosa cap-tação assume dimensões de balé.

JOÃO - Ah... é a música de Deus. Louvai ao senhor. Louvai-o todos os povos da terra. Louvai-o todos os povos, filhos e filhas, achados e perdi-dos, prós e contras, lucros e perdas, perdas e danos, peças e aces-sórios, répteis e batráquios, juros e dividendos, secos e molhados, mortos e feridos, cobras e lagartos, bandido e mocinho, Alvarenga e Ranchinho, casa grande e senzala, educação e cultura, viação e o-bras públicas, entradas e bandeiras, chuvas e trovoadas, tidos e havidos, portos e canais, senhoras e senhores, ladies and gentle-men, messieurs et mesdames, ratos e homens, parques e jardins, a-

ves e ovos, caminhos e descaminhos, barilet et gredy, tocha humana e centelha, marcas e patentes, palcos e bastidores, futebol e regatas, montes e canaviais, comensais e convivas, humilhados e ofendidos, estátuas e monumentos, pão e manteiga, nascimentos e morte, melindrosas e almofadinhas, trancos e barrancos, cristais e vidros planos, títulos e documentos, doações e legados, Tristão e Isolda, armas e bagagens, queixas e reclamações, falências e concordatas, troilus e cressida, Romeu e Julieta, Johnson & Johnson, epitácio e pessoa, Pôncio e Pilatos, Sanchez y Sanchez y sanchez y Sanchez...



João estertora na repetição obsessiva desse refrão final. Um coro começa a repetí-lo em sussurro mas em ritmo marcado.

JOÃO - Maldição!... Maldita seja a puta que me pariu. Maldito seja o monstro que me capou.

Silêncio súbito e pesado. Nisso João canta o Eli Lama Sabactani.

JOÃO - (canta)

Ê, ê ê ê
Eli
Eli lama sabactani

Lama, lodo, lodaçal
Evém
Lama do mar
Do mar de lama
Eli

Balé quase sem movimentos. João afasta-se.

CENA 13 - Alice e o porteiro

PORTEIRO - Nunca viu?

ALICE - O quê?

PORTEIRO - Está procurando?

ALICE - Falou comigo?

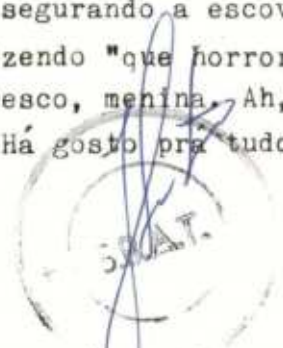
PORTEIRO - Não, comigo.

ALICE - Está falando sozinho?

PORTEIRO - Isola! Está me achando com cara de maluco?

ALICE - Não. Estou achando você meio engraçado.

PORTEIRO - Engraçado é macaco escovando os dentes e segurando a escova com o rabo. É bicha dando acesso de homem e dizendo "que horror! que horror!" Pimenta no rabo dos outros é refresco, menina. Ah, cansei. A não ser que você goste de pimenta. Há gosto pra tudo. Não



é verdade que hiena come merda e ainda acha graça? Diz que ri feito uma doida. Tudo é questão de vaselina a mais ou vaselina a menos.



ALICE - Não entendo nada do que voce diz.

PORTEIRO - Do you speak english? Parlez-vous français, mon amour? Aí do 35 é que tem essas manias: mon amour, chéri... Na hora do Deus-me-livre é um tal de gritar: "Mon amour, mon amour! Eu morro, mon amour!" Voce quer entrar?

ALICE - Será que eu posso?

PORTEIRO - Minha filha, aqui só não entra é anjo de guarda, que é prá não ver toda a safadeza que se faz lá dentro.

ALICE - Voce trabalha aí?

PORTEIRO - Que é isso, menina? Mais respeito. Eu sou anjo-da-guarda: Não está vendo que estou de fora? Tenho horror de safadeza. Horror! Aí dentro as mulheres ficam nuas e os homens ficam loucos. Mas é isso mesmo que eles querem. E vão entrando. Eu fico aqui fora. Vou ficar a vida inteira aqui fora, gritando feito uma bicha louca. Você quer entrar?

Alice entra. Mutação de Cenário.

CENA 14 - A Duquesa e o Gato no bordel

A duquesa canta enquanto acaricia seu amante: Tema do gato que Ri.

DUQUESA - (canta)

Gato, gato, gato
 Meu gato felino
 Gato, gato, gato
 Meu gato ladino
 Messalino
 Libidino
 Que mia
 Que ria
 Que ri
 Chéri, chéri, chéri.

Gato, em teu regato
 Me afogo
 Me mato
 Trato e me distrato
 Me vendo barato
 Me maltrato
 Gato, gato
 Que mia



Que ria
 Que ri
 Chéri, chéri, chéri.



ALICE - Nunca vi um gato que risse assim.

DUQUESA - É que ele é o gsto de Neandertal, sobrinho da onça de Cromagnon, afilhado do tigre de Popocatepelt. Nabucodonossor. Afganistão.

ALICE - Engraçado, não conheço nenhum gato que ria...

DUQUESA - Você não conhece é nada.

A Duquesa começa a estrangular com lascívia o homem que ri.

ALICE - Cuidado. Veja só o que você está fazendo!

DUQUESA - cuide de seu nariz, menina. Se as pessoas se intromettessem menos na vida dos outros, o mundo giraria mais depressa. (Para o homem): Porco!

ALICE - Mas você pode matá-lo.

DUQUESA - Você tem idéias muito antiquadas, menina. Corte fora essa cabeça que só pensa besteira.

Subitamente, a Duquesa joga fora seu homem e, num gesto rápido e místico, arranca de seu ventre um recém-nascido esperneante. A duquesa canta o tema da Pimenta.

DUQUESA - (cantando)

Se o neném chorar
 Bata na bunda dele
 Ralhe
 Estrile
 Esgoele
 Grunha
 Bata na bunda dele
 Se o neném continuar
 Bata na bunda dele
 Xingue
 Esmague
 Aperte
 Esprema
 Bata na bunda dele, ô

Depois estende o bebê para Alice.

DUQUESA - quer prá você?

Diante do espanto de Alice, a duquesa segura o bebê pelas pernas, gritando:

DUQUESA - Porco! Porco! Porco!

Alice tenta fugir, mas se encontra com o homem-gato, quando a Duquesa desaparece.



CENA 15 - Alice e o gato.

ALICE - Gato de Neandertal! (o homem sorri). Prá onde é que ~~eu~~ vou? Prá onde é que eu vou?



HOMEM - Isso depende. Prá onde você quer ir?

ALICE - Prá qualquer lugar. Não tenho preferência...

HOMEM - Nesse caso, vá prá onde quiser, ora essa. Faça o que quiser!

ALICE - Mas onde é que eu vou parar?

HOMEM - Não se preocupe. Em algum lugar há de ser (o homem some).

ALICE - Inda vou acabar doida. Não aguento mais.

Voz do HOMEM - Isso você não pode evitar.

ALICE - O que?

HOMEM - (aparecendo) - Aqui nós somos todos malucos. Eu sou maluco e você é maluca.

ALICE - Como é que você sabe que eu sou maluca?

HOMEM - Se você fosse boa da cuca não estaria por aqui.

ALICE - E como é que você sabe que é maluco?

HOMEM - Pense bem: você conhece um cachorro?

ALICE - Claro, e daí?

HOMEM - Um cachorro não é um bicho maluco, você não acha?

ALICE - Claro que não.

HOMEM - Pois é. Então pense bem: quando um cachorro está contente ele abana o rabo, não é? E quando fica zangado, late ou grunhe. Isso não lhe parece lógico?

ALICE - Muito lógico.

HOMEM - Então? Agora olhe bem prá mim: eu, quando estou contente, rio; quando me zango, bufo, grito, esperneio, agrido, mato gente. Você também não é assim?

ALICE - Todos nós somos assim.

HOMEM - Então? E você ainda quer maior prova de maluqueira? (some).

ALICE - Cadê você? Por que é que você vive sumindo e aparecendo?

HOMEM aparece por trás de Alice, acaricia seu cangote, ela leva um susto, e ele cai na galhada.

ALICE - O que é que é tão engraçado?

HOMEM - É esse teu medo, filhinha. Você está morta de medo, achando que eu sou um bicho papão pronto prá te comer. Não vou não, não precisa se assustar. Você não quer, eu não te como. Você me lembra uma moça que eu conheci. Sabe qual foi o fim dela? Sabe? Hum, sabe qual foi o fim dela? Não, não adianta eu te contar. É uma história muito comprida e além disso você não ia entender nada.

ALICE - Eu quero saber.

HOMEM - Você quer saber, meu amor? Não, não vale a pena. Olha, ela tinha es



se mesmo jeito teu, sabe? Aí eu pus umas coisas na cabeça dela ,
dei uns livros prá ela ler, não sei o que mais... Daí ela foi en-
direitar o mundo que ela achava que tava tudo ao contrário, sabe
como é? e tá mesmo, não é? Mas isso daí é prá leão, não é? tem ne-
gócio de febre amarela, peste bubônica, no meio da selva faz frio,
sabe? É melhor deixar como está.



ALICE - O que é que você ensinou prá ela?

HOMEM - Umas coisas aí. Mas não vale a pena não, sabe?

ALICE - Eu quero saber.

HOMEM - Primeiro eu falei assim prá ela: os cães ladram. As cobras silvam.

A vaca muge. E os pais de família pigarriam zangados quando as
filhas fazem o que não deviam fazer. Você fez? Hein? Você fez?
(canta a canção do Você Fez:)

Os pais gritam na sala

Você fez? Você fez?

Na escola só se fala

A hora certa, o compromisso

A calçada, o reboliço

E o patrão por sua vez

Perguntando: Você fez?

Você fez? Você fez?

O mundo em pé de guerra

Você fez? Você fez?

A vida sobre a terra

Você fez? Você fez?

O amor, os seus deveres

Mais as compras do mercado

O novo penteado

E o orçamento para o mês

Me responda: Você fez?

Você fez? Você fez?

Tudo tem seu dia

Se você sabe o que quer

Faça com que a vida

Seja o que você fizer

Você fez? você fez? Você fez?

A sua liberdade

Você fez? Você fez?

O que lhe deu vontade

Você fez? Você fez?

Sorrir quando é perfeito



Reclamar do que é errado
 Dizer o seu recado
 Sem fugir uma só vez
 Nda disso você fez
 Você fez? Você fez?
 Você fez? Você fez?



Homem ri e vai sumindo. Alice perplexa.

CENA 16 - Alice e os artistas

Mesa com quatro cadeiras. Sentados, Castro Alvares(poeta) e Pablo Espigaço(pintor) e entre os dois, dormindo sobre a mesa, Saideira(o bêbado). Estão tão bêbados que parecem não notar a aparição de Alice, que vem sentar-se com eles. O poeta por fim desperta e fala com dificuldade.

POETA - Senhorita, deixe-me ter a honra de apresentá-la aos membros da nossa distinta e seleta comunidade. Este que lhe fala é Castro Alvares, o poeta dos Andes, o cantor das escravas. Aquele ali é Pablo Espigaço, o pintor da fossa, o retratista dos enigmas, o intelectual do caos. E este aqui (levantando-o pelos cabelos) é Saideira.

PINTOR - O que sabe viver!

POETA - O que não teme a morte porque vive a vida!

PINTOR - O que não tem fronteiras nem preconceitos!

POETA - O puro!...(larga-lhe a cabeça). Em primeiro lugar, senhorita, eu gostaria de saber quem foi que lhe convidou.

ALICE - Ninguém...Sentei porque me deu vontade.

PINTOR - Sempre que dá vontade a senhorita senta? (ri)

POETA - É hábito ou doença? (ri alto)

PINTOR - Aceita um uisque?

ALICE - (superior) - Aceito.

POETA - Então, sirva-se...

ALICE -(procurando) Onde é que está?

PINTOR - Se não está vendo é porque não tem.

ALICE - Então porque é que você ofereceu?

POETA - Prá ver se você aguenta a nossa barra...

PINTOR - (oferecendo a garrafa) Toma uma cachaça?

ALICE - (pegando a garrafa e um copo) - Deixa que eu me sirvo.

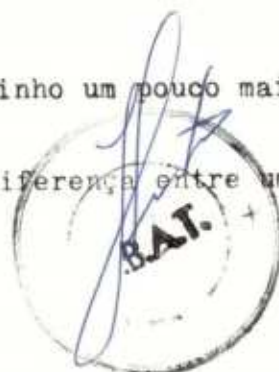
POETA - Olha só, rapaz!... A menina entorna!...

PINTOR - Mas ela já é bem grandinha...

POETA - (observando-a) - Só precisava ter um peitinho um pouco maior.

ALICE - Isso é problema meu.

POETA - (levantando-se, como ofendido) - Qual a diferença entre uma pomba e



uma piranha?

ALICE - Não sei.

POETA - É a diferença entre uma coisa e outra?

ALICE - Depende.

PINTOR - (discursando) - Eis o problema fundamental! Quando você pensa que está fazendo uma coisa está fazendo outra.

POETA - Quando você acha que está dizendo uma coisa está dizendo outra.

PINTOR - Dizer "eu gosto do que como" não é o mesmo que dizer "eu como do que gosto".

POETA - Dizer "eu levo a minha vida" não é o mesmo que dizer "a minha vida me leva".

SAIDEIRA - (levantando a cabeça) - Dizer "falem mais baixo porque eu estou dormindo" não é o mesmo que dizer "quem foi o débil mental que tomou minha cachaça?" (cai novamente).

ALICE - Ah, ele também fala...

PINTOR - Que dia é hoje?

ALICE - Não tenho a menor idéia.

PINTOR - (levando o relógio ao ouvido) - Então essa jurumela tornou a parar.

ALICE - Como assim?

PINTOR - Está marcando 1º de abril.

POETA - Eu sempre disse que você não devia jogar cachaça dentro do relógio.

PINTOR - Mas era tipo exportação, da maior categoria!...

ALICE - Por favor, só prá minha orientação: esse relógio marca o dia do mes?

PINTOR - Agora não, porque arranquei os ponteiros.

POETA - (para Alice) - O seu relógio marca por acaso o que? Encontro?

ALICE - Marca as horas, minutos e segundos, como qualquer outro.

ALICE - Ainda não, mas aposto que as duas aproveitam melhor o tempo do que vocês que ficam bebendo o dia todo.

PINTOR - Você fala do tempo como se fosse amiga íntima dele.

POETA - Aposto que nunca conversou com ele.

ALICE - É claro que não, mas meu tempo eu sei aproveitar.

PINTOR - Aproveita-se do tempo, a depravada!...

POETA - Há quanto tempo vem mantendo com ele esse tipo de relações?

PINTOR - Não deve ser verdade. Se fosse, ela usaria o tempo de maneira mais adequada. Pediria a ele que fizesse o dia passar bem depressa tra balharia menos e gozaria melhor as noites.

ALICE - Se eu fizesse isso, viveria apenas metade da minha vida.

POETA - Engana-se quadradamente. Poderia pedir que ele esticasse suas horas de folga e equilibraria tudo outra vez.

ALICE - É isso que vocês tentam fazer?

PINTOR - Infelizmente não. Brigamos com o tempo em fins de março, pouco tempo antes dele enlouquecer.

POETA - Foi numa festa. Grande festa!



PINTOR - Um embalo em casa de milionário, sabe? Todo mundo bem vestido, uís que escossês comendo solto, canapé de caviar, mordomo, chafariz, holofote, elefante, elegante, intelectual...

POETA - Aí me pediram prá cantar qualquer coisa. (A música vai surgindo), Eu não queria...disse que não estava preparado, estava resfriado, rouco, tuberculoso, sífilítico...mas eles insistiram, insistiram, e antes que me chamassem de bicha eu comecei (canta):

-Um poeta pregando uma peça possuiu
Um pedaço de paço e prosseguiu
passeando e pensando
eu posso, eu passo
eu peço, eu vi.



O poeta se anima e ergue-se cambaleando para melhor interpretar a sua música. É imitado pelo pintor e ficam aos berros, até que caem, rolam no chão embolados e voltam para seus lugares.

"Eles estão perdendo tempo! Estão matando o tempo! Corten-lhes a cabeça!"

POETA - Foi aí que o tempo se desentendeu conosco e parou.

PINTOR - E nós que tínhamos bebido um pouco, ficamos sem tempo prá tomar qualquer atitude. Por isso continuamos a beber e estamos bebendo até hoje.

ALICE - (um pouco assustada) - É... interessante...

POETA - E se você nos falasse um pouco a seu respeito?

ALICE - O que que vocês querem saber?

PINTOR - Vida íntima. Amores e decepções. Paixões e revoltas. Sexo e aventuras. (pausa) suspense...

POETA - Pesos e medidas, busto... Quadris... Cintura... umbigo e outras cavidades...

SAIDEIRA - (acordando) - características da personalidade. Anomalias. Fixações. Taras. Vícios e perversões.

ALICE - (irritada e segura) - Me recuso a falar.

POETA - Assim sendo, passamos a palavra ao ressuscitado Saideira, para que nos entretenha com suas histórias escabrosas.

SAIDEIRA - Eu...eh...como diria...já que a senhorita muito me honrou, pisando excitadamente no meu pé durante toda conversa, como prova de minha profunda consternação e irremediável desgosto, terei imenso desprazer em petrificar sua atenção, por alguns minutos, narrando-lhe uma de minhas histórias mais comoventes, intitulada: a virgem que ficou histérica. Durante o meu monólogo, a senhorita terá em diversos momentos a possibilidade de constatar apalermada



que, muitas vêzes, a falta do elemento masculino nas circunvizinhanças do sexo oposto, dito frágil, pode originar distúrbios físicos e mentais de proporções tais como; falta de singeleza no vestir, deselegância no sentar, embriaguez precoce por fumos e bebidas, vícios de linguagem, lesão no busto, arqueamento gradativo das pernas, ricotas e segredos, paixões arrebatadoras por gatos, cachorros e outros animais peludos, atividades místicas e contemplativas, convicções políticas, dor de dente, artrite, cólicas, bichsse e, finalmente, comiches por todo o corpo.

POETA - Científico!

PINTOR - Dialtico!

SAIDEIRA - Antes de tudo, objetivo! (música ataca).



CENA 17 - pera Bufa

SAIDEIRA - Bem... uma vez terminada essa ilustração inicial, passemos a história propriamente dita. (canta a pera Bufa)

-Certa vez a menina Clarita

Foi à casa de Arnolde

Um priminho afastado,

Buscando na estranha visita

Corromper, seduzir o coitado.

Por detrs da inocência estampada

Intenções doentias havia,

frustrações sexuais da tarada

Fustigando a moral do priminho.

Arnolde deprimido e humilhado

Dando provas patentes de seu ódio

Num gesto violento e tresloucado

Manchou de sangue o final deste episódio.

Clarita abandonando o suicida

Sai no mundo à procura de um amor,

Um homem violento que decida

Abra-la, possui-la com vigor.

(segura Alice).

Até que encontra alguém que lhe oferece

O carinho mais puro e mais bacana

(Alice tenta desvencilhar-se)

Ela reluta em aceitá-lo ao que parece,

Porque não sabe que o rapaz é bom de cama.

Alice atira-o ao chão. O poeta e o pintor

o levantam e saem abraçados cantando a ria.

Alice dirige-se para o Jovem que apareceu .

Ela canta.

ALICE - (cantando) -

Basta, eu já cansei
Não quero mais, eu sei
Eu digo não, por quê
Prá que, aonde vai você?
Vozes sem sentido, a estrada
Que não leva a nada
O riso sem saber
Aonde vai você?
Hoje eu quero, eu posso
Eu vou viver agora, eu sei
Que o mundo é todo meu,
Sei que a vida não diz nada
E quem fala sou eu.
Há de ser e há de vir
E eu hei de ver e ouvir
A minha própria voz
Dizer pra onde ir.
Custe o que custar
E chegue onde chegar
Direi a mim e a quem me ouvir
Eu quero, eu faço, eu fiz,
Alice, seja feliz
Alice, seja feliz.



O tema musical evolui para música de carrossel. Alice e o jovem abraçam-se em carinhos enquanto surgem em cena os personagens da cena inicial (professor, coelho, Dino, mãe, figurantes), de mãos dadas e expressões duras. Os personagens formam um círculo a encobri-los sempre girando ao som do carrossel. Depois, o círculo forma uma fila, desfazendo-se, e voltam esta nova fila em direção ao fundo do palco. Súbito, tudo se imobiliza, a música para. Ouve-se uma rajada e os figurantes caem, formando uma passarela viva sobre a qual Alice e o Jovem desfilam e desaparecem.

Blecaute.





Quando as luzes acendem, há um enorme muro branco no palco. Um grupo de figurantes jovens, gritando e correndo invade o palco. Estão munidos de spray e passam a pixar o muro com dizeres do tipo:

Abaixo a monarquia
A rainha não é de nada
O rei é papo furado
Abaixo os velhos
Viva nós
Jovens prá frente
Legalize pot
Make love, not war

Subitamente, confusão total. Luzes varrem o palco em várias direções. Os figurantes abandonam a cena em desabalada carreira.

Cessada a tempestade, a calmaria cai sobre o palco. Entram preguiçosamente três operários - o 2, o 5 e o 7 - com instrumentos para raspar o pixamento do muro, e tintas, e pincéis para pintá-lo de novo. Começam o trabalho.

DOIS - Ei, ô cinco, cuidado, pô. Vê se não me joga tinta...
CINCO - Foi sem querer. O sete me deu uma cotovelada.
SETE - A gente tem de trabalhar depressa, não é? Se a rainha passa aqui e vê esse negócio pintado no muro, eu não quero nem saber...
CINCO - É mesmo, dois. Vamos com cuidado que a barra está pesada.

Nesse momento, Alice entra em cena e se aproxima. Reconhece velhos amigos.

ALICE - Crioulo! Dedinho! Gringo! Mas que surpresa!
DOIS - Ei! Não fala assim! A gente tá de serviço.
ALICE - Ué! Assim como?
SETE - Não pode chamar a gente pelo nome, não.
CINCO - Você não deve falar os nossos nomes, quando a gente tá de serviço.
ALICE - Por que?
CINCO - Porque nós temos os nossos números de ordem.
SETE - Em serviço, nós somos peça de uma máquina.



DOIS - (que olhava ansiosamente para os lados do palco, interrompendo-o) -
Ih, lá vem a Rainha...

Os três pintores jogam-se ao chão, em atitude de submissão e reverência. A rainha entra acompanhada por seu séquito: soldados armados cortesãos, damas de companhia, etc... Junto a ela, vem o Rei, o Valete e o Coelho. Todos entoam a canção da Rainha:

Cortem-lhe a cabeça
Cortem todas as cabeças
As cabeças vão rolar
Não quero em nenhum pescoço ver
Uma cabeça sobrar,
O sangue é meu almoço
E a morte é meu jantar.



Cortem-lhe a cabeça
Cortem todas as cabeças
Sem fuzil ou fogo
Sem prisão ou guerra
As cabeças em jogo
Rolarão por terra.

Cortem-lhe a cabeça
Cortem todas as cabeças
É a lei deste lugar
O meu poder não tem limites
Custo de decapitar
Embora chore ou grite
As cabeças vão rolar.

Ao final da canção a Rainha se aproxima dos três pintores prostrados e pergunta ao Valete:

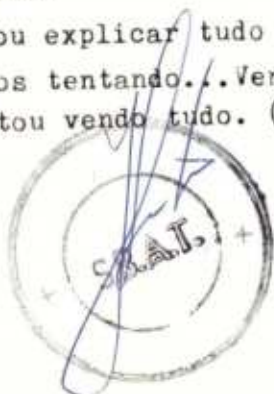
RAINHA - Quem são estes?

VALETE - Trabalhadores, senhora. A serviço de sua majestade.

RAINHA - Bom serviço fizeram. (lê os pixamentos) "Abaixo a Rainha" - isso é um ultraje. "Abaixo a monarquia" - um acinte! "O Rei é papo furado" - bem, isso até que eles tem um pouco de razão. "A Rainha não é de nada" - isso em compensação é um crime.

DOIS - (ergue-se timidamente para explicar) Vou explicar tudo a Vossa Majestade, com toda a franquesa. Estávamos tentando...Vendo se...

RAINHA - Não é preciso dizer mais nada, já estou vendo tudo. (para os soldados) - Cortem-lhes a cabeça!



Os soldados detêm os pintores, que suplicam.



DOIS - Misericórdia...

SETE - Clemência, poderosa Rainha...

CINCO - Sua graça, senhora...

RAINHA - (implacável) - o verdugo!

VERDUGO - Pronto, senhora!

RAINHA - Não suporto mais as suas súplicas. Corte-lhes logo a cabeça.

VERDUGO - É prá já.

Alice, que observa tudo de um canto, resolve intervir. Todo mundo fica espantado e olha em pânico e silêncio.

ALICE - Parem já com esta bobagem!

A rainha está abismada com a audácia; caminha em torno de Alice.

RAINHA - Quem é essa?

VALETE - Não sei, não, senhora...

RAINHA - (empurrando-o) - Imbecil!

REI - Eu podia ajudar um pouco, meu amor?

RAINHA - Cala a boca, idiota!

REI - Desculpe.

RAINHA - (aproximando-se de Alice) Quem é você, menina?

ALICE - Uma menina.

RAINHA - Menina. Que espécie de menina? Saiba que existem meninas e meninas. Meninas boas, educadas e obedientes e meninas más, avançadas e modernas que terão as cabeças cortadas mais cedo ou mais tarde. Meninas de bons sentimentos que honram e respeitam os pais, os mestres e as autoridades e meninas que compram discos dos Beatles e tomam pílulas anti-concepcionais sem receita médica.

ALICE - Tudo isso é pura bobagem. Sou apenas uma menina comum.

RAINHA - Que provavelmente terá sua cabeça cortada. Mas gosto de você. Nós os poderosos. somos fascinados por nossos inimigos, quando eles tem valor. É a melhor maneira de convertê-los. Por isso, você está convidada a jogar uma partida de boliche comigo.

ALICE - E os meus amigos?

RAINHA - Serão decapitados. (para o verdugo): corte-lhes a cabeça!

Sete, cinco e Dois, são levados para fora de cena, pelos soldados e o verdugo.

ALICE - Mas, Rainha...

RAINHA - Cale a boca! Agora todo o silêncio é pouco.

Todo mundo que fica em cena permanece num silêncio total. Ouvem-se apenas os gritos dos três desgraçados lá fora: um berro final de cada um a intervalos regulares. A cada berro, o sorriso da Rainha fica mais largo. Pronto:



As três cabeças foram cortadas; e a rainha deixa escapar um longo suspiro de satisfação.



CENA 21 -

RAINHA - Pronto! foi ótimo: três seguidas, sem tirar. Divino: (muda de tom) Agora vamos jogar. (grita) Os tacos, rápido! (correm a trazer-lhes os tacos, parecidos com os usados em baseball) Vamos jogar, Alice. O Boliche real.

ALICE - Que é isso, boliche real?

RAINHA - É um jogo para reis e congêneres. É muito apreciado hoje em dia, se rá que você não sabia? trata-se de uma espécie de decapitação sim- bolada. Os jogadores dividem-se em batedores e recebedores. Os ba- tadores somos nós. Os recebedores são a plebe, a ralé, a g^ontinha, a massa ignara, os bostas, ou seja, com o perdão da má palavra, o povo. Eles, os recebedores, ficam com o tronco inclinado, o rosto virado para o chão, e nós, os batedores, procuramos acertar-lhes uma boa cacetada no cocoruto. Naturalmente, isso não dá para ti- rar-lhes a cabeça, mas é o suficiente para deixá-los desacordados alguns dias num hospital. É muito divertido. Atenção! vamos come- çar o jogo!

A Rainha apossa-se de um possante taco. Os membros do séquito ficam na posição indica- da e ela passa a distribuir-lhes bordoadas a torto e a direito. Alguns caem e conseguem reerguer-se para reassumir a sacrificada pos- tura. Outros permanecem no chão, completamen- te apagados, e são recolhidos em padiolas en- quanto o jogo prossegue.





DUQUESA - Oh, Alice que prazer
Te encontrar aqui sozinha
Dar-te a mão, dar-te um abraço,
Caminhado passo a passo
Conversando bem juntinhas.
Tenho tanto a te dizer:
Minha vida é tão cruel...
Sofro tanto em meu castigo,
Não arranjo um só amigo,
Que saudades do bordel!...

ALICE - O que será?...

DUQUESA - O que será? O que será?

ALICE - ...que essa mulher quer comigo?

DUQUESA - Não digo. Não digo.

ALICE - Quer me levar...

DUQUESA - Não precipite as conclusões.

ALICE - Para o quartel do inimigo.

DUQUESA - Oh, Alice, que calúnia!

Destratou-me a desgraçada!
Quem a mim com ferro fere
Com ferro será ferido; Fui
Ferida, estás ferrada.

ALICE -

Mil perdões, eu não queria
Proferir tal impropério,
Assustar-me não me custa,
Quase tudo hoje me assusta,
Por favor não me leve a sério.

DUQUESA - Diga pra mim...

ALICE - O que é que eu devo lhe dizer?

DUQUESA - ... Por que razão te torturas?

ALICE - Frescuras, frescuras.

DUQUESA - Pois sendo assim...

ALICE - Pois sendo assim o que é que tem?

DUQUESA - Tenho um ditado à altura.

Faça amor e não a guerra
Faça a vida e não a morte
Rodopiando a bolsita
Cigarrillos na boquita
Hasta luego, buena suerte

ALICE - Certa vez alguém me disse:



Não se mate, não se coma,
Quem não arrisca não petisca,
Quem não chove não chuvia,
Quem tem bolsa vai a Roma.



DUQUESA - Alô, alô...

ALICE - Pode falar, alô, alô...

DUQUESA - Alô moçada prá frente!

ALICE - Diferente. Diferente.

DUQUESA - Venha também...

ALICE - Quem é que vai? Quem é que vem?

DUQUESA - Fazer a vida com a gente.

ALICE - Mil perdões, eu não sabia
Que era assim tão violento...
Só topava um programinha,
Mas prá vida vá sozinha
Que essa barra eu não aguento.

DUQUESA - Por favor, não seja otária;
Moça linda não reluta
Quem se esconde não se ampara
Quem discorre não dispara
Quem dispensa não disputa.

ALICE - Eu já não sei...

Entra a Rainha de Copa, portando sua faixa de rainha. Segue-se o cortejo de rumberas e um cordão de bailarinos. Já ao surgir a rainha, o tango desaparece, transformando-se em samba de breque. Por isso, todos entram dançando, enquanto a rainha coloca-se diante de Alice e da Duquesa, ao tempo que vai cantando:

RAINHA - Não sabe o que, meu beija-flor?
Talvez alguém lhe aborreça...

CORO - Ora, corte-lhe a cabeça!
Pode ser que assim
Sem a cabeça no lugar
Esse alguém enfim lhe esqueça.

RAINHA - (andando ao redor da duquesa, falando em tom de voz suave e irônico)
A senhora talvez não saiba que eu mandei cortar todas as cabeças do meu reino... para ser mais exclusiva perante os meus fans e as minhas agregadas...(declamando)
Oh, amor que transborda do meu peito.
Amor maior de fato e de direito,
Soberano, carnal e possessivo,
E que me faz amar sem preconceito



De ser mais adjeto ao mais perfeito,
Do leito virginal ao mais lascivo.
Oh, luxúria total que me arrebatava
E me estraçalha, excita, fere, mata,
Na procura infinita de um consolo.
Hão de me ver em loucas passeatas...
Se não me achar dançando com as mulatas.



DUQUESA - As cabeças! Onde estão as cabeças? As cabeças!

RAINHA - Cortei-as todas, já disse.

DUQUESA - Miséria! Miséria! Tudo perdido! A minha vida inteira dedicada à causa, para ver agora rolarem as cabeças!... (volta o ritmo de samba e a dança, enquanto a duquesa chora convulsivamente, grita e corre). Os homens que eu amei!... Os homens que eu amo!... Castrados por uma Rainha louca!... Dançando e cantando as suas próprias desgraças!... Miséria! Veados! Impotentes! Castrados! (enquanto grita é cercada pelos presentes, que, preocupados apenas em dançar, sorriem e cantam).

CORO -

Antes que o mal cresça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que apareça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que endureça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que floresça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que amadureça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que eu me esqueça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que eu enlouqueça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que eu adoeça
Cortem-lhe a cabeça
Antes que eu me aborreça
Cortem-lhe logo a cabeça.

A Rainha continua dançando e cantando enquanto se aproxima cada vez mais de Alice.

DUQUESA - (aos berros, enquanto, cercada pela multidão é levada para fora de cena) Matem a Rainha! Parem de cantar! Miséria!

Saem do palco. Volta o silêncio. Alice é envolvida pelos braços da Rainha. Reage e se liberta.



RAINHA - Resistes?

Alice não responde. Encara-a em desafio. A Rainha tenta aproximar-se novamente e leva uma bofetada.



RAINHA - Está bem... Você prefere assim. Grifo! Grifo!

GRIFO - A senhora me chamou?

RAINHA - Leve esta menina e a entregue à velha Gringa. Quero que aprenda a nossa dança. Ela ainda resiste a mim. Diz pr'aquela francesa dou da que eu a quero de volta em pouco tempo. Com diploma e tudo. Prontinha pro serviço. (para Alice) Vá com ele. Anda! Não tenha medo... Aposto que nós ainda vamos ser grandes amigas... Pode ir.

GRIFO - Prefere ir voando ou a galope?

ALICE - Como quiser.

GRIFO - Então vamos a pé.

CENA 24 -

Cabaré destruído, convertido numa espécie grotesca de estúdio de dança. Mesas afastadas, cadeiras esparsas abrindo espaço para um grupo de mulheres dos mais diferentes tipos. Usam arremedos de malha, sapatos de ponta, e poderiam ser tomadas por bailarinas. Pelo menos é por que as toma Gringa, velha grotesca, fumegando um cachimbo podre, andrajoosa e suja, bêbada, que as comanda aos berros, num simulado de marcação de compasso, que marca batendo no chão, com fúria, uma bengala. O Grifo e Alice chegam a esse lugar sem que, de início, a Gringa os perceba. Ela bate, grita, bufa, beberica e fumega. Tem o ar de uma bruxa apavorante, mas diante da qual as meninas não se apavoram absolutamente. Há risadinhas, guinchos de chacota, enquanto a Gringa berra.

GRINGA - Allez! Allez! Um, dois, três, quatro! Um, dois... Bande de putes! Allez! Allez! (Vê subitamente o Grifo com Alice) Que foi? Que foi? Eu já não falei uma porção de vezes que eu não posso interromper a aula? Já não falei? Isso é uma coisa séria! Allez! Allez! Um, dois, três, quatro! Basles pattes Isolda! Fecha as asas! Olha o ritmo! Merde! (ao grifo) Dá o fora, que elas ficam com vergonha. Isso é uma aula, uma coisa séria!

GRIFO - Escuta aqui, ô Gringa louca: prá começo de conversa, vai gritar com





a tua mãe.

GRINGA - Spéce de con! Quer levar uma porrada, quer?

GRIFO - Ora, não enche, polaca velha metida a francesa.

GRINGA - Arretez! Alto! Alto! Assim é impossível! (ao Grifo) Que é que há? Que foi que você veio fazer aqui?

GRIFO - (indicando vagamente Alice) A moça. É nova. A Xamega mandou.

GRINGA - (mal olhando Alice) Te rebaixaram, ô, gros paquet de merde!... Era Leão de Chácara, agora é Pombo-Correio. (vê Alice um pouco melhor) Sapristi, encore une! (Aproxima-se de Alice, submete-a a um minucioso exame e finalmente a encara) Também quer ser bailarina?

ALICE - Bem...

GRINGA - Vai ser. Vai ser. Se quiser, tem que ser. Aqui não escapa. Olha aqui as borboletas que me arranjaram. Era tudo domestique, arrumadeira, copeira, cozinheira, lavadeira. Mas inventaram de dar um mau passo na vida, agora tem de virar bailarina. Você sabe dançar?

ALICE - Não senhora. Só um pouco. Cantar eu canto, mas...

GRINGA - Cantar o que, é, menina? Que que elas cantam quando chegam aqui? Hein? Me diga: que que elas cantam? "Tornei-me um ébrio na bebida busco esquecer"... É isso que elas cantam, essas lavadeiras. Mas aqui tem de virar borboleta, mariposa. É cantora a menina, é? Ei bonecas, tem uma cantora agora aqui. Vai querer fazer solo. Mas o que foi que te cantaram, hein? Quem te cantou? Isso é que é. Você não tem ar de lavadeira que nem elas. Não sabe fazer nem um arabesque e chega aqui dizendo que é cantora. Allez! Allez! Que é que vocês estão fazendo aí? Vá: hora do recreio. Venham dar um bejinho na colega nova!

GRIFO - Está entregue a mercadoria?

GRINGA - Que mercadoria? Que mercadoria é essa, ô cafajeste? Aqui é tudo gente, personnes. Mercadoria é a tua mãe! Pelo menos respeita a velha artista aqui, ouviu? Pombo-correio lazarento!

GRIFO - Cala a boca, polaca doida! Está entregue a moça?

GRINGA - E aqui tem moça? São gente, tem de virar artista. E eu tenho de fazer o milagre. Transformar vaca em borboleta. Olha aí as minhas borboletas. Amanhã elas vão embora pro interior. É lá que está a mina. Sabe o que é que as artistas vão fazer lá? Vão fazer a vida! Isto é um açougue! Aqui tudo é carne! Mas tem de virar artista. Senão como é que os clientes vão examinar a mercadoria? Então tem de dançar. E eu é que faço elas dançar, esses paus de vassoura. Deviam ser lavadeiras, vão ser bailarinas. Prá poder mostrar as coxas, menina. Aqui é assim: primeiro o alcatra, o filé; depois o talento, o espírito, a arte. E eu aqui: um-dois-três-quatro. Mas sabe que eu já fui grande? Sou francesa, sou. Estudei na Sorbone. Fiz curso de dança moderna em Nice. Mas olha aí onde é que eu vim parar. pro-



fessora de alcatra! Elas pensam que são borboletas, libelulas. Você também. E diz que é artista? Você sabe o que é revista? Meu tempo isso existia, ouviu? Já dancei no Lido de Paris.



ALICE - Não, foi só em fotografia, nas revistas, Manchete, cruzeiro...

GRINGA - Cruzeiro? Já saiu meu retrato na capa do Paris-Plaisirs. Do encantement! Mas eu tinha cabeça. Cabeça demais. E olha aqui onde eu vim parar. La grosse tortue! Sabe o que é tortue?

ALICE - Não senhora.

GRINGA - Que é que você sabe, então? tortue. Tartaruga! Me chamaram de tartaruga e me botaram prá rua. E eu fui fazer a vida, ouviu? Me chamaram de polaca! Mas eu sou française. Vive la France! (chora desbragadamente) Allons enfants la patrie! (chora e canta; as mulheres riem; a Gringa se enfurece) Chut! Silence! Não se respeita mais a amargura de uma grande artista? Allez! Allez! Dançar. Dancez, bande de putes! (põe um disco na vitrola e começa a bater, com desespero, seu bastão. As mulheres se enfileiram, simulam um balé me donho, sem jeito. A Gringa cantarola, mas desespera-se na fúria) Non! Non! Assez! C'est trop pour une déesse! Nunca ouviram uma música essas depravadas. Allez! Sem disco! (interrompe o disco) Chantez! Chantez et dancez! Cantando e dançando! Atirei o pau no gato-to... Allez! (as mulheres cantam o "Atirei o pau no gato" e fazem uma coreografia primária. A gringa canta com elas. Toma Alice pela mão e mistura-se no bando, puxando-a e dançando. A música infantil desenvolve-se, enquanto as mulheres cantam e dançam, com a Gringa a comandá-las e dançar junto, sempre segurando Alice. Até que entra uma mulher tão escabrosa quanto a Gringa, aos gritos)

MULHER - A polícia! Os tiras estão aí! Cercaram a casa!

As mulheres correm feito baratas tontas. Pânico. O Grifo vai-se esquivando quando topa com um policial entrando.

TIRA - Polícia! Ninguém sai!

GRIFO - Manera, colega. Tu não vai prender um igual, não é?

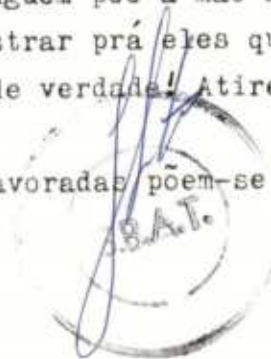
TIRA - é da lei?

GRIFO - Cagueta da 15ª. Barra limpa. Te diverte aí com as frangas.

TIRA - Legal. (prá fora) Deixa passar que é nosso! (às mulheres) Vão fazendo fila. Quem chorar ou der ataque histérico leva porrada. Vai tudo pro distrito na paz de Deus.

GRINGA - (histérica) Assassins! Ceux sont des assassins! Allez! Allez! Dancez! Isso é uma casa de artistas! Ninguém põe a mão nas minhas borboletas! Chantez et dancez! Vamos mostrar prá eles que nós somos artistas. Vamos meninas: bailarinas de verdade! Atirei o pau no gato-to...

As mulheres apavoradas põem-se em formação e



iniciam um balé. A canção vai sendo diluída na penumbra- a música vai-se transformando e, enquanto ocorre um fade-out visual do cabaré tumultuado, vai-se processando um fade-in da cena seguinte. Os atores se misturam aos músicos, que invadem a cena e todos cantam, enquanto instalam o novo cenário.

CENA 25 -



CORO - Aqui, agora, aqui, agora / BIS
É hora da justiça, é hora/

Te apressa meu compatriota
Vem ver o fogo das guitarras
Vem ver o fogo das guitarras
Ouvir o som das nossas botas

Aqui, agora, aqui, agora / BIS
É hora da justiça, é hora/

Depressa meu compatriota
Vem aprender a separar
O mar da terra, o céu do inferno
Os anjos dos demônios, vem
Nós vamos te ensinar a ver
Satãs na pele de cordeiros

Aqui, agora, aqui, agora / BIS
É hora da justiça, é hora/

Está pronta a cena. Dos atores, destaca-se um corifeu, que fala num megafone, apoiado por um tema musical.

CORIFEU - O melhor juiz é o Rei. Nós, súditos falíveis, comuns mortais que frequentemente nos enganamos no reconhecimento do bem e do mal, de vemos aceitar os julgamentos do rei como expressão da vontade divina, sendo ele o eleito de interesses muito superiores e verdadeiramente muito mais altos, que são os interesses dos deuses.

Subitamente, numa explosão mágica, surge a um canto, de forma fantástica, a figura de Tirésias. Caminha, sem guia, tateando os passos e procura um lugar. O Corifeu, escondendo seu temor, acelera a apresentação.



CORIFEU - Assim sendo, nada mais justo e sensato que confiar e ele, nosso rei, o julgamento de nossas questões mais graves, uma vez que só ele terá a clarividência e o discernimento necessários para encontrar a solução adequada. Vamos pois recebê-lo com o respeito devido, mas igualmente com o calor que ele bem merece. Para os seus aplausos, le roi, el rey, the king, o rei!

Entra o rei, cabeça erguida, andar majestoso. Há palmas, muitas palmas no auditório. Uma atriz do grupo põe-lhe um manto e uma coroa e o acompanha até um trono que está colocado no fundo. No que ele vai sentar, detém-se. Faz-se um silêncio admirável. O rei fareja alguma coisa ostensivamente, desagradavelmente, antes de perguntar:

REI - Alguém peidou por aqui?

O coro explode, enquanto ele se senta.

CORO - Salve, salve nosso rei.

Ele é belo, ele é um pão
Um perfil de camafeu
Os olhos de Alão Delão
Azuis como uma laguna
Salve, salve nosso rei
Vejam que formosa estampa
Parece o Terence Estampa.

O rei multiplica atitudes magnânimas, enquanto o corifeu torna a falar.

CORIFEU - Ah, a solidão humana! Também os deuses, os reis, também enfim os grandes precisam do estímulo de uma companhia fiel que lhes amigne as horas más e lhes enriqueça as boas. O nosso amado guia, o rei, não foge a esta regra, embora fuja a todas as outras. E é para que ele se sinta ainda mais à vontade numa hora tão grave, e para que suas decisões sejam ainda mais justas e humanas, é que trazemos sua companheira, nossa prima donna. Para os seus aplausos, la reine, la reyna, the queen, a rainha!

A rainha entra, prodigalizando beijos com as mãos. Uma atriz repete a cena de orná-la de manto e coroa e conduzi-la ao trono, ao lado do rei. À sua entrada, os atores aplaudem e cantam.

CORO - Salve rainha virtuosa
A nossa primeira dama
Fresca e puríssima rosa
Que todos conhecem a fama



Oh, rainha virtuosa
Senhora dos nossos seres
Eres linda Y hechicera
Como el candor de una rosa



A rainha acompanha vaidosa as manifestações
elogiosas e o corifeu retoma a fala.

CORIFEU - A arte de ser líder! Nós, súditos falíveis, comuns mortais, imaginamos que o chefe de todo um povo exerce seu poder sem qualquer mediação, sem dar ouvidos a nada, afora seus próprios sentimentos e reflexões. Outro ledô engano! Os chefes têm seus momentos de dúvida e hesitação. E o nosso augusto monarca é humilde o bastante para aconselhar-se quando lhe sobrevém um instante de incerteza. Seu mais assíduo conselheiro é este que aí vem, e que tomou a si esta ingrata tarefa de ser o promotor de nosso julgamento de hoje. Para os seus aplausos, Arthur Coelho!

Entra o coelho, indeciso entre mostrar-se grato aos aplausos dos atores e reverenciar o casal real. Acaba por atirar-se ante o rei e a rainha. Cresce subitamente uma fumacinha que sai de Tirésias, impassível. Enquanto o rei vira-se para indicar um lugar à sua direita para o coelho, a rainha consigna o cheiro da fumaça e reclama:

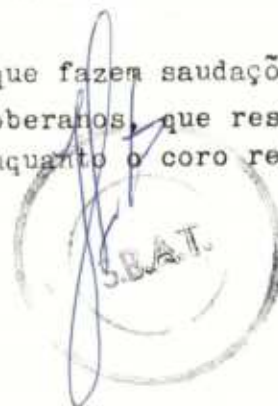
RAINHA - Você comeu repolho outra vez, rei Balalau?

O mínimo mal-estar que a observação provoca, é vencido pela explosão do coro que obedece à indicação do corifeu.

CORO - Salve o fiel servidor
Que tudo faz pela pátria
Funcionário de valor
Temente a Deus e a Zapata
Salve fiel servidor
Tu serás recompensado
Um dia na eternidade
Que é maior que a tua dor.

CORIFEU - O povo, amigos, o povo está aí mesmo. Deixai-o entrar, para participar desta festa em que se dá uma lição de justiça, de justiça pela justiça. O povo é belo, o povo é bom, o povo é sadio, o povo é o povo. Viva o povo.

Entram pessoas que fazem saudações meio sem jeito para os soberanos, que respondem. O povo coloca-se, enquanto o coro repete o tema.



Se você é nossa amiga
Só verá o que está perto
Mas se é nossa inimiga
Traidora ou triçoeira
Pro fundo fundo do poço
Vão seus olhos forasteira



CORIFEU - O sim... e o não. O bem... e o mal. Infelizmente não vivemos num mar de rosas, e, ainda mais infelizmente, mesmo as rosas podem ferir, como sabemos todos. É chegada é a hora da nossa rosa mostrar seu espinho. Atenção! Cuidado! Cautela! Quem chega é pessoa não grata.

Entra o Jovem, sob apupos dos atores do bumba-meu-boi, que o circulam e borrifam.

CORIFEU - Não de ser os vossos olhos
Os jurados desta hora;
Ouvirão vossos ouvidos
A verdade aqui e agora —
Será juiz o vosso rei
E a justiça vós vereis.

CORO - Aqui, agora, aqui, agora / BIS
É hora da justiça, é hora/

CORIFEU - Livres sois e em liberdade
Julgareis aqui e agora;
Nós jamais pretenderemos
Violar este direito;
Ao contrário cuidaremos
De mantê-lo intocável e perfeito

CORO - Vós sereis os intocáveis
Salve, salve os intocáveis
Deus vos dê a vossa bênção

CORIFEU - Com vigor, com energia
Todos nos defenderemos
Com vigor, com energia
Nesta hora, aqui e agora

CORO - Aqui, agora, aqui, agora / BIS
É hora da justiça, é hora/

CORIFEU - Enunciação dos crimes pelo senhor promotor público.

COELHO - (cantando)
lesa à cidade
lesa à nossa pátria
lesa à sociedade
lesa à tradição
lesa à cultura

lesa à propriedade
lesa à majestade
lesa ao coração
lesa à inocência
lesa à santidade
lesa à integridade
lesa ao próprio Tite
lesa à Suíça
lesa à Abissínia
lesa à Escandinávia
e lesa a Gotham City.
Lesas isso, lesa aquilo
lesa aquilo outro
lesa à previdência
lesa à fé, lesa ao lundo
lesa ao cateretê
e lesa à sapiência.
lesa à família
lesa à Rui Barbosa
lesa à confiança
lesa à honestidade
lesa à virtude
lesa ao capital
lesa ao patrimônio
lesa à virgindade
lesa ao folclore
lesa ao sentimento
lesa à sensatez
e lesa à austeridade
lesa à prudência
lesa à segurança
lesa à honradez
e lesa a castidade.
lesa ao que mais houver
e lesa-se quem puder.

CORO - Lesa ao que mais houver
e lese-se quem puder.

CORIFEU - Então o que dizem
Os senhores jurados?

CORO - Os senhores jurados
unanimemente
responde que sim
respondem que sim



Os senhores jurados
unanimemente
Respondem que sim.



CORIFEU - Depoimento das três primeiras testemunhas: o poeta Castro Álvares, pintor Pablo Espigaço e o vagabundo que atende pela alcunha de Saideira.

Entram os três anunciados, cambaleando bêbados, disputando uma garrafa de cachaça, que passa de mão em mão. Entram cantando.

POETA - Quem não lê, dizem os sábios
Os mais sábios entre os sábios
Mal ouve, mal fala, mal vê

PINTOR - E nós os sábios
Menos sábios do que os sábios
Nem ouvimos nem falamos

SAIDEIRA - E nem vemos, pois não lemos
Mas bebemos.

OS TRÊS - Dai de beber a quem tem sede
Dai-nos genebra, dai-nos vodca e cachaça
Caipirinha, cervejinha, gin, conhaque
Dai-nos uisque, isso sim é que tem graça.

Durante a canção, Saideira fica encarando a Rainha até que, de repente, atraca-se com ela. Arma-se o bafafá. Os sujeitos do bumba-meu-boi entram em ação contra Saideira e todos os que estão por perto.

CORIFEU - Parece-nos, senhoras e senhores, que há pessoas inconvenientes neste recinto sagrado, neste templo de justiça e de honradez.

Rei saca do revólver e dá um tiro. Súbito silêncio.

REI - O próximo não vai ser para o ar. Digam o que sabem ou serei obrigado a lançar mão de recursos para os quais não gostaria de apelar.

POETA - (sempre cambaleante e pastoso) - E pode-se saber que recursos são estes?

O rei olha para a rainha; Esta faz um gesto com a mão no pescoço, significando cortá-lo. O rei o repete, com a sonoplastia característica, para o Poeta. Este fica alheio por um instante. Depois, em coro com o Pintor e com Saideira, apoiando-se uns nos outros, Tornam a cantar.

OS TRÊS - Dai-nos genebra, dai-nos vodca e cachaça
Caipirinha, cervejinha, gin, conhaque
Dai-nos uisque, isso sim é que tem graça.



A música desenvolve-se numa dança, e, esta, numa confusão total. O Rei torna a puxar o revólver e atira contra a confusão. Saideira, no meio dela, recebe a bala no peito e cai. Dispersão geral, murmúrios assustados, silêncio. Sozinho, no meio da cena saideira morre. Súbito, numa nova fumarada, aparece Tirésias e aproximando-se de Saideira canta:

TIRÉSIAS - Da minha cegueira eu vi
A danação, a danação;
Sete anos de desgraça eu vi
Na escuridão, na escuridão;
Vem na tempestade, vem.
Quem manda vai ser mandado
É danação, é danação;
Quem vê hoje viverá
Na escuridão, na escuridão
Vem na tempestade, vem;
Saber quem tem amor
É danação, ó danação;
Vai cair e rolará
Na escuridão, na escuridão;
Vem na tempestade, vem.
Rato pobre rói o rei
Da danação, da danação;
Rato pobre rói o rei
Na escuridão, na escuridão;
Vem na tempestade, vem.

Tirésias desaparece.

REI - Eu avisei, não avisei? Estão de prova os Senhores jurados, que por certo hão de dar razão.

CORIFEU - Então o que dizem
Os senhores jurados?

CORO - Os senhores jurados
unanimemente
Respondem que sim
Respondem que sim
Os senhores jurados
unanimemente
Respondem que sim.

Acenos do rei, que fala com o coelho, que fala com o corifeu, que expõe.



CORIFEU - Nosso rei, na sua majestade, manda avisar que, com o perdão da má palavra, aquele que peidar de novo no tribunal vai ter sua cabeça cortada.

(cantando)

Então o que dizem

Os senhores jurados?

CORO - Os senhores jurados
unanimemente

Respondem que sim

Respondem que sim

Os senhores jurados
unanimemente

respondem que sim.

CORIFEU - Depoimento da testemunha Alice de tal, branca, solteira, endereço ignorado.

ALICE - Acho que vocês estão errados. Estão todos loucos. Não posso acreditar no que eu estou vendo. É impossível. Prefiro imaginar que eu esteja sonhando. Nada disso faz sentido. Não foi prá isso que eu nascí. Não foi prá isso que eu saí de casa. Esse mundo de vocês não existe. É pura invenção. Vou embora, ouviu bem?

CORO - (cantando)

A lei é legal, o rei é real

A Rainha é rainhal e o juiz é a raiz quadrada

Da autoridade constitucional

Jure o juramento

Deponha o depoimento

Proceda o procedimento

Testemunhal.

ALICE - A lei é mortal, e o Rei é um boçal

A Rainha é um animal e o juiz é o que se diz: quadrado

E a autoridade é toda ilegal;

Juro o juramento

Deponho o depoimento

Procedo o procedimento

Testemunhal.

REI - A fala é falaz e Alice é mordaz

Isso não se faz; o juiz é só quem diz direito

Toda a verdade, e ninguém desfaz;

Fica o dito por não dito

Fica o feito por desfeito

Deponho o depoimento

Testemunhal.



ALICE - O Rei é ruim e o seu fim é o meu fim
Este juri é prá mim o retrato do juiz: errado
E a autoridade é o crime afinal
Deponho o juiz injusto
Deponho a Rainha e o Rei
Deponho este reino e o resto
Do tribunal.



O Rei puxa o revólver. Silencia a música.
Pânico. Todos correm e se escondem uns atrás
dos outros. Alice permanece no mesmo lugar.

REI - Falsos testemunhos! Insultos! Desacatos! Injúrias! Motins! Que Rei
sou eu que tolero isso tudo? Afinal quem está do meu lado, afora
naturalmente os senhores jurados cujo bom senso e espírito de co-
laboração não me canso de louvar? (estala os dedos para o Coelho)
Vanos, acabe logo com isso! As provas, as provas definitivas!

O Coelho exhibe um lenço. Caminha até o réu.
Agita o lenço ante seus olhos.

COELHO - Então? Está reconhecendo?

O réu positivamente não sabe do que se trata.

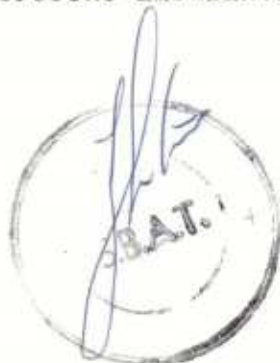
COELHO - O sangue dos inocentes! (de repente, urra a plenos pulmões) SATANÁS!

A música explode e todos correm sobre o réu
e participam de uma dança, cantando)

TODOS - Vade retro satana: intentona intentona
Vade retro satana: rotenona rotenona
Vade retro satana: sabichona, sabichona
Vade retro satana: cafona cafona
Vade retro satana: varona varona
Vade retro satana: rexona rexona
Vade retro satana: pomona pomona
Vade retro satana: Cachaçona cachaçona
Vade retro satana: Faccia mamma faccia mamma
Vade retro satana: má fama má fama
Vade retro satana: ratazana ratazana
Vade retro satana: marafona marafona
Vade retro satana: virou zonz virou zona

As luzes vão caindo e ficam sombras difusas
em torno de Alice, onde se encontra um foco.
Ela canta com um microfone ambulante na mão.

ALICE - O meu país maravilhoso está
Falando socorro socorro
Tenho uma voz
E uma palavra na mão
Uma voz de veludo
E uma palavra de pedra



Mas é preciso esquecer
É preciso esquecer
Para não assassinar
O meu rei assassino



No escuro em volta, gritos de cortem-lhe a cabeça, enquanto Alice continua a cantar, tranquila. Pouco a pouco, som de passos ritmados, crescendo até ficar ensurdecedor. Os atores que integravam o coro tomam Alice, que vai adormecendo e a embalam, suavemente cantando.

CORO - It was only a dream, Alice
A nice and colourful dream
My pretty Alice
Go on sleeping, Alice
Don't wake up
Don't be affraid
Easy girl, just sleep, just sleep
On your cradle
And have another dream
A sweeter dream, who knows?
My pretty, pretty Alice.

++++
F I M
++++

